



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – UFERSA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS – CCSAH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – DCSA
CURSO DE GRADUAÇÃO BACHARELADO EM DIREITO**

RENATA RAYANNE DA SILVA SANTIAGO

**A SOCIABILIDADE NA PERIFERIA MOSSOROENSE E O
FENÔMENO DAS FACÇÕES CRIMINOSAS: DIÁLOGOS
COM A PERSPECTIVA DA COMUNIDADE BARROCAS**

**MOSSORÓ
2024**

RENATA RAYANNE DA SILVA SANTIAGO

**A SOCIABILIDADE NA PERIFERIA MOSSOROENSE E O FENÔMENO DAS
FACÇÕES CRIMINOSAS: DIÁLOGOS COM A PERSPECTIVA DA COMUNIDADE
BARROCAS**

Monografia apresentada ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Direito.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Maria Bezerra Lucas.

**MOSSORÓ
2024**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

S235s Silva Santiago, Renata Rayanne da.

A SOCIABILIDADE NA PERIFERIA MOSSOROENSE E O FENÔMENO DAS FACÇÕES CRIMINOSAS: DIÁLOGOS COM A PERSPECTIVA DA COMUNIDADE BARROCAS / Renata Rayanne da Silva Santiago. - 2024.

64 f.: il.

Orientador: Ana Maria Bezerra Lucas.
Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de Direito, 2024.

1. crime organizado. 2. facções criminosas. 3. Barrocas. 4. moradores. I. Lucas, Ana Maria Bezerra, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

RENATA RAYANNE DA SILVA SANTIAGO

**A SOCIABILIDADE NA PERIFERIA MOSSOROENSE E O FENÔMENO DAS
FACÇÕES CRIMINOSAS: DIÁLOGOS COM A PERSPECTIVA DA
COMUNIDADE BARROCAS**

Defendido em: 25/10/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ANA MARIA BEZERRA LUCAS**
Data: 29/10/2024 08:50:03-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dra. Ana Maria Bezerra Lucas (UFERSA)
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **JAILSON ALVES NOGUEIRA**
Data: 29/10/2024 09:27:09-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Jailson Alves Nogueira (UFERSA)
Membro Examinador

Documento assinado digitalmente
 **RAYANE CRISTINA DE ANDRADE GOMES**
Data: 29/10/2024 08:58:49-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dra. Rayane Cristina de Andrade Gomes (UFERSA)
Membro Examinador

*Aos amores que me deram a vida, Rosário e Antônio.
E ao amor que a vida me deu, Ludson Martins.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Maria do Rosário e Antônio Santiago, a quem devo minha vida e educação, e a aos meus irmãos, Iverton Alexsandro, Frank Willian, Andressa Kevilly, Antônio Filho e Wallace Santiago, que, às suas maneiras, me ajudaram a crescer e me fazem escolher ser melhor todos os dias.

Agradeço, em especial, a minha irmã e melhor amiga, Rhávilla Rafaela. Três mil quilômetros não te fazem nem um pouco menos presente em cada passo da minha trajetória.

Ao meu companheiro de vida, Ludson Martins, pela espera e por me enxergar entre tantas camadas. Ninguém nunca acreditou em mim do jeito que você acredita.

Agradeço à minha grande amiga Mariana Ketley, que me compreende melhor do que ninguém há mais de quinze anos, sem que eu precise dizer uma palavra.

Aos bons amigos que a universidade me apresentou: Ana Carla, Ana Kelly, Alana Silva, Lígia Tauani e Erik Dênio. Não consigo imaginar como seria caminhar todos esses anos sem vocês ao lado.

Agradeço ao Projeto de Extensão Direitos Humanos na Prática, pelo espaço de desenvolvimento pessoal e contribuições mútuas, e por me apresentar as ferramentas da Justiça Restaurativa e da Comunicação Não-Violenta, que me lapidaram enquanto ser humano e profissional do Direito.

Agradeço também à professora-orientadora Ana Maria, pelo apoio desde a escolha do tema e pela presteza em todo o processo, e à banca examinadora, pela disponibilidade e contribuições.

Agradeço, por fim, aos moradores do bairro Barrocas, que me permitiram falar através de suas vozes. Este trabalho também é de vocês.

RESUMO

A pesquisa discute o histórico do crime organizado no Brasil através de uma perspectiva crítica que deságua na atuação das facções criminosas em todo o território nacional. Salienta-se que o estudo não teve como objetivo explorar a sua dinâmica de funcionamento, mas investigar os possíveis impactos causados pela sua presença em regiões periféricas. Dessa maneira, a partir de um recorte local, a pesquisa resgatou a história do bairro Barrocas, na cidade de Mossoró/RN, levantando as principais mudanças que a presença de grupos faccionados no seu cerne ocasionou na vida de seus moradores. A escolha por esse bairro se deu em virtude de a pesquisadora ser moradora dele por muitos anos e, por isso, ter acompanhado algumas dessas mudanças de hábitos comunitários, mas também por ser o bairro discriminado e apontado como um dos mais “perigosos” da cidade. Como objetivo primordial, tem-se o de investigar de que forma a atuação desses coletivos interfere no modo de vida da comunidade das Barrocas a partir da fala dos seus próprios moradores, além de representantes de instituições e equipamentos sociais ativos no bairro e, como objetivos específicos, identificar as estratégias que a população alcançada adota para lidar com essa realidade, bem como suas impressões sobre a atuação da polícia militar no setor e eventuais projetos ou políticas públicas de prevenção e enfrentamento à criminalidade existentes. A metodologia empregada se dividiu entre pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com os moradores e representantes das instituições, fontes primárias. No estudo de campo optou-se pela aplicação de questionário online e entrevistas pessoais. Entre os resultados encontrados, destaca-se que, apesar de o bairro estar mais tranquilo hoje em relação à década passada, a comunidade em foco ainda se sente prejudicada pela restrição indireta a determinados locais e pelo estigma que o nome “Barrocas” carrega perante serviços externos, além de apresentar danos emocionais, como a sensação constante de medo pela vida pessoas próximas, sobretudo as do sexo masculino, independentemente do seu envolvimento com atividades ilícitas. Dessarte, no referido bairro, as dinâmicas comunitárias ligadas à presença de facções revelam muitas fragilidades sobrepostas, como a postura desidiosa dos profissionais de Serviço Social da UBS, os desafios da relação escola-comunidade e, quanto à auto-organização dos moradores, as diferenças de atuação entre os conselhos comunitários.

PALAVRAS-CHAVE: crime organizado; facções criminosas; Barrocas; moradores.

ABSTRACT

This research explores the history of organized crime in Brazil through a critical lens, focusing on the influence of criminal factions across the country. The study does not aim to delve into the operational dynamics of these factions, but rather to assess the potential impact their presence has on peripheral areas. Using a localized approach, the research examines the neighborhood of Barrocas in Mossoró, RN, highlighting the major changes that the presence of criminal groups has brought to the lives of its residents. The neighborhood was chosen not only because the researcher lived there for many years, observing some of these shifts firsthand, but also because Barrocas is often stigmatized and considered one of the city's most "dangerous" areas. The primary goal of the study is to investigate how these groups influence the lifestyle of the Barrocas community, drawing from the perspectives of its residents as well as representatives of local institutions and social services. Specific objectives include identifying the strategies residents adopt to cope with this reality, their views on the role of the military police in the area, and the existence of any crime prevention projects or public policies in place. The methodology combines a literature review and field research, with data gathered from residents and institutional representatives, serving as primary sources. The fieldwork involved an online questionnaire and face-to-face interviews. Among the results, it is noteworthy that although the neighborhood is currently more peaceful compared to a decade ago, the community still faces indirect restrictions on access to certain spaces and bears the stigma attached to the name "Barrocas" when dealing with external services. Emotional harm, such as a persistent fear for the safety of loved ones—particularly men, regardless of their involvement in criminal activities—was also evident. Ultimately, the community dynamics in Barrocas, shaped by the presence of factions, reveal several overlapping vulnerabilities, including the lackluster performance of Social Service professionals at the local health clinic, challenges in school-community relations, and disparities in the effectiveness of community councils in organizing residents.

KEYWORDS: organized crime; criminal factions; Barrocas; residents.

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO.....	9
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CRIME ORGANIZADO NO BRASIL	12
1.1 PRINCIPAIS FACÇÕES CRIMINOSAS ATUANTES NO PAÍS	13
1.2 A RELAÇÃO ENTRE AS FACÇÕES CRIMINOSAS E A POBREZA	16
1.3 POSSÍVEIS IMPACTOS CAUSADOS PELA PRESENÇA DE FACÇÕES CRIMINOSAS EM BAIROS POPULARES E COMUNIDADES VULNERÁVEIS	18
2 CONHECENDO O BAIRRO BARROCAS: CONTEXTO HISTÓRICO, EVOLUÇÃO SÓCIO-GEOGRÁFICA E PERFIL DOS MORADORES	20
2.1 A CHEGADA DAS FACÇÕES CRIMINOSAS NO BAIRRO BARROCAS.....	22
2.2 PRINCIPAIS FACÇÕES ATUANTES NO BAIRRO BARROCAS.....	23
3 A PERCEPÇÃO DOS MORADORES: ESTRATEGIAS METODOLÓGICAS	25
3.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	26
II CONCLUSÃO	41
III REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o domínio expansivo do crime organizado na figura das facções criminosas se tornou um dos principais problemas sociais verificados no Brasil, crucialmente em regiões periféricas, onde a população sente maior distanciamento em relação ao Estado. Segundo Monteiro Neto e Galvão (2022), as facções estão presentes em todas as unidades federativas do país e a maioria dos crimes de homicídio e tráfico ilícito de entorpecentes estão associados à sua atuação.

O bairro Barrocas, situado na zona norte do município de Mossoró/RN, não é exceção a esse cenário. A disputa de território e o extermínio reiterado de membros de facções rivais têm interferido diretamente nas dinâmicas sociais e na qualidade de vida dos moradores, provocando um sentimento generalizado de insegurança pessoal e familiar em prejuízo direto da sensação de pertencimento comunitário.

Diante disso, a fim de dar visibilidade aos problemas decorrentes da presença de facções no referido bairro, optou-se por dissecar, a partir da perspectiva da própria comunidade afetada, a seguinte questão: Como a atuação das facções criminosas no bairro Barrocas, em Mossoró/RN, interfere no modo de vida dos moradores?

Para tanto, objetivou-se: I. Apresentar um breve histórico do crime organizado no Brasil, indicando as facções de maior abrangência na atualidade e os estados brasileiros em que atuam; II. Investigar os impactos da presença de facções criminosas em bairros populares numa perspectiva teórica a partir da relação entre as facções e a pobreza; III. Apresentar o contexto histórico, social e geográfico do bairro Barrocas para identificar os fatores que viabilizaram a entrada das facções nessa comunidade.

O trabalho foi estruturado, portanto, a partir de duas estratégias metodológicas, quais sejam, a pesquisa bibliográfica em fontes secundárias e a pesquisa de campo, que empregou como método de procedimento a aplicação de questionário *online* e a realização de entrevistas pessoais. A abordagem utilizada foi o método dialético, entendido como aquele que oportuniza o uso da argumentação, uma vez que a pesquisa tem cunho social e traz o objetivo de interpretar, de maneira qualitativa, alguns fenômenos sociais através de determinadas categorias de análise.

Significa dizer, com isso, que apesar de o estudo focar na inserção das facções nas Barrocas e na visão dos seus moradores a esse respeito, levou-se em conta que a ostensividade das facções não é uma realidade apenas do bairro estudado, mas que se manifesta em todo o Brasil e com diferentes nuances. Logo, o método é pertinente porque nos ajuda a entender a ocorrência de parte desse fenômeno no aspecto local, sem desvinculá-lo de sua totalidade,

mostrando-se oportuno, por conseguinte, investigar as estratégias que a comunidade adota para lidar com uma realidade já imposta, bem como suas impressões sobre a atuação da polícia e de eventuais projetos ou políticas públicas locais voltados à criminalidade.

Nesse ínterim, o trabalho foi dividido em duas etapas. Os capítulos 1 e 2 foram elaborados a partir do acesso às fontes secundárias, com o levantamento bibliográfico de artigos e trabalhos acadêmicos. Já o capítulo 3 traz a discussão dos resultados conseguidos mediante pesquisa de campo – questionário *online* e entrevistas semiestruturadas – com os moradores e moradoras das Barrocas, além de alguns representantes de instituições e profissionais que atuam ou que já passaram pelos equipamentos sociais ativos no referido bairro.

Os conceitos e as considerações sobre o desenvolvimento do crime organizado no Brasil, que perpassam pelas facções criminosas de maior abrangência na atualidade e pelos impactos que esses coletivos impelem no cotidiano de comunidades vulneráveis, compõe o capítulo 1 da pesquisa e foram trabalhados a partir da leitura de artigos científicos, monografias, dissertações de mestrado e outros documentos acadêmicos acessados principalmente na base de dados SciELO Brasil (*Scientific Electronic Library Online*).

Ainda numa perspectiva teórica, o capítulo 2 traz a história do bairro Barrocas com recortes da própria história mossoroense, que foi contada a partir de livros de historiadores como Francisco Fausto de Souza e Luís da Câmara Cascudo, disponibilizados na internet pela Fundação Vingt-un Rosado, na Coleção Mossoroense do Acervo Virtual Oswaldo Lamartine. Também foram utilizadas informações constantes no Portal da Prefeitura de Mossoró, na aba “História”, e em outras páginas virtuais acessadas por meio da pesquisa no *Google* por palavras-chave relacionadas ao tema.

Já os dados demográficos em nível de município foram levantados a partir da base do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cujo último censo foi de 2022, enquanto as informações em nível de bairro, sendo as mais recentes de 2010, foram resgatadas do SIDRA, um sistema de recuperação automática de dados do próprio IBGE.

A segunda parte da pesquisa, como dito acima, foi desenvolvida a partir do contato direto com moradores comuns que residem no bairro desde que nasceram ou há pelo menos 15 (quinze) anos, sendo alguns deles parentes de membros de facção, e com representantes de diversas instituições e equipamentos sociais do bairro Barrocas de diferentes gestões nos últimos 15 (quinze) anos. Dado o caráter qualitativo da investigação, a escolha dos participantes levou em conta a sua atuação no bairro, o tempo de moradia e as relações que cultivam entre si e com outros integrantes da comunidade.

Cumpra mencionar que várias produções acadêmicas já retratam a interferência das facções criminosas no modo de vida da população, seja enquanto poder paralelo que restringe a liberdade de ir e vir dos moradores de regiões periféricas (DOMINGUES, 2021), seja enquanto nova realidade social que se ramifica em locais vulneráveis e tem relação direta com a economia e demais áreas do conhecimento (LEITÃO; CASTRO; AZEVEDO, 2023).

Semelhantemente, a reputação do bairro Barrocas, que é residencial e periférico, já sinalizava, entre outros fatores, a desconfiança da população nas instituições do Estado, a ausência de políticas públicas direcionadas ao controle da criminalidade e as dificuldades de organização interna em núcleos de resistência, mostrando-se relevante e necessário lançar luz sobre a sua realidade em uma pesquisa própria.

Por conseguinte, embora seguindo a linha de outras produções acadêmicas, a iniciativa de estimular os moradores do bairro Barrocas a contar o seu lado da história, devolvendo-lhes o protagonismo comunitário, revelou-se inovadora nesta urbe, razão pela qual acreditamos ter sido a principal contribuição do estudo. Ademais, após o amadurecimento da ideia, o levantamento dos dados da pesquisa no todo (bibliográfica e de campo) se fez entre março e setembro de 2024, totalizando 7 (sete) meses.

Finalmente, ressalta-se que em respeito à ética da pesquisa universitária, discente e docente se comprometeram, perante as pessoas que responderam ao formulário *online* ou que foram entrevistadas pessoalmente, a guardar os dados coletados com zelo e responsabilidade, veiculando apenas o essencial para o resultado acadêmico almejado.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CRIME ORGANIZADO NO BRASIL

De antemão, é possível afirmar que os estudos a respeito do surgimento do crime organizado no Brasil ainda não foram sistematizados pela doutrina pátria, motivo pelo qual é comum nos depararmos com possuímos opiniões divergentes entre os pesquisadores que se debruçam sobre o tema.

Segundo Beato e Zilli (2012), definir qualquer atividade de gangues ligadas ao tráfico de drogas como crime organizado é um equívoco muito comum no Brasil. Isso porque a figura do grande crime advém de uma construção quase mitológica e, por isso, não nos permite distinguir as várias nuances inerentes a ela, tampouco compreender de que modo a própria ilegalidade faz parte da sua estruturação.

Não obstante, Valdir Melo (2015) elucida que essa expressão traduz uma forma ampla da manifestação do crime e da atuação de criminosos, a qual pode ser discutida enquanto locução coletiva, para referir um agrupamento de crimes ou organizações criminosas, e/ou enquanto fenômeno histórico.

Para Renato Brasileiro (2016), a manifestação mais remota do crime organizado no nosso país diz respeito ao cangaço, movimento protagonizado por Virgulino Ferreira da Silva, o “Lampião”, e ligado a grupos de bandoleiros armados que saqueavam diferentes territórios da região Nordeste no final do século XIX e início do XX, aterrorizando a população.

Outrossim, Domingues (2017), aduz que o auge do cangaço foi atingido entre os anos de 1900 e 1940, e dentre as suas motivações, destacava-se o ingresso nos bandos como forma de resistência à perseguição da polícia e a vingança familiar. Sem demora, o movimento também passou a representar uma forma de sobrevivência, tendo em vista que seus integrantes subsistiam dos bens materiais adquiridos com os roubos, saques e extorsões que perpetravam.

Depois do cangaço, em meados do século XX, o crime organizado se materializou nas associações de exploração dos jogos de azar (LIMA, 2016). A esse respeito, o jogo do bicho, que envolve o sorteio de prêmios a apostadores – e, por isso, atrai diferentes tipos penais em sua órbita –, é apontado por José (2010) como a primeira manifestação da criminalidade organizada no Brasil e por Oliveira (2005) como a nossa primeira infração penal.

Como se pode observar, as referências ao início do crime organizado no contexto brasileiro variam conforme o pesquisador, mas acabam perpassando pelo tráfico de animais silvestres, armas e drogas (LIMA, 2016). Mais recentemente, o fenômeno evoluiu para outras vertentes, como é o caso dos crimes ambientais, cibernéticos, das redes internacionais de tráfico humano, exploração sexual, contrabando de imigrantes, lavagem de dinheiro etc.

Nesse mesmo sentido, José (2010) suscita que as organizações criminosas passaram a consumir ilícitos de ordens diversas, como é o caso do desvio de dinheiro dos cofres públicos para contas particulares abertas em paraísos fiscais fora do Brasil, e envolvem, não raro, membros dos três Poderes da União. Em consonância, Renato Velloso (2007, p. 268) sintetiza:

No Brasil, as histórias mais conhecidas sobre o início do crime organizado são sobre Lampião e seu bando de cangaceiros, ou seja, bandidos do sertão nordestino, que nos anos 30, andavam fortemente armados. Mas, hoje em dia, o crime organizado está no alto da cúpula política e econômica, com pessoas corruptas procurando sempre a riqueza.

Por outro lado, em se tratando de violência armada, o crime organizado ganhou, nas últimas décadas, uma nova forma de estruturação social, oriunda dos presídios do Rio de Janeiro e de São Paulo como resposta à violência institucional, as facções criminosas. Consolidando-se através de atividades ilícitas, as facções ampliaram sua influência para o exterior das prisões e hoje constituem a face mais violenta da criminalidade urbana no Brasil, em alguns casos, com projeção internacional, processo esse que será melhor trabalhado adiante.

Para os fins deste trabalho, considera-se facção criminosa a associação de sujeitos hierarquizados e assim autointitulados, com as seguintes características: atuação sistematizada na prática contínua de ilícitos visando a obtenção de lucro e de poder em setores específicos da sociedade, inclusive no sistema penitenciário; com divisão de tarefas e lideranças bem definidas; com estatutos próprios; e com funcionamento interno ancorado num forte sentimento de pertença e lealdade.

Nessa esteira, convém adentrar no estudo das facções criminosas de maior projeção no Brasil, a fim de compreender as motivações que levaram ao seu surgimento, o seu processo de expansão e os fatores que fazem da sua atuação um dos grandes problemas sociais verificados no nosso país.

1.1 PRINCIPAIS FACÇÕES CRIMINOSAS ATUANTES NO PAÍS

Segundo Luz e Cordão (2022), as facções criminosas surgiram como uma forma de auto-organização dos detentos em busca de melhorias no sistema prisional. Depois, tornaram-se uma espécie de associação permanente para a prática de delitos e proteção de seus integrantes, o que ocorre mediante códigos de conduta próprios.

Para Monteiro Neto e Galvão (2022), esses grupos estão presentes em todas as unidades federativas do país e a maioria dos crimes de homicídio e tráfico ilícito de entorpecentes estão associados à sua atuação, seja em função da disputa por hegemonia econômica com outras facções, seja pelo conflito com as forças de segurança pública.

A título de exemplo, destaca-se a formação do Comando Vermelho (CV), que remonta ao final dos anos 1970, no contexto da ditadura civil-militar (1964-1985). Inicialmente conhecida como “Falange Vermelha”, o CV surgiu no Presídio de Ilha Grande, no Rio de Janeiro, a partir da união de presos comuns, advindos dos morros e periferias do Rio, e presos políticos, detidos pela Lei de Segurança Nacional, em defesa de interesses mútuos (LUZ; CORDÃO, 2022).

Com a queda do preço da cocaína no mercado latino-americano nos anos seguintes, haja vista que a Colômbia também passara a produzir, os antigos pontos de venda de *cannabis* (maconha), nas favelas do Rio, foram tomados por integrantes do CV e reforçados para o comércio de cocaína. Logo, num modelo de expansão em rede, a referida facção se articulou com quadrilhas já atuantes no tráfico, fora dos muros do presídio, e passou a dominar o comércio de drogas no Estado (MISSE, 2011).

Passada a ditadura, o Brasil viveu, no início da década de 1990, um período de transição política e econômica. Contudo, apesar de a redemocratização ter acarretado melhorias no tocante à liberdade política e à defesa dos direitos humanos, a realidade observada no interior das prisões se mantinha inalterada. Infelizmente, consolidou-se, no país, uma cultura de violência e abuso de poder pelas forças de segurança, e no sistema penitenciário, seus efeitos eram, sem dúvidas, muito mais visíveis.

Nesse contexto, surge, em 1993, na Casa de Custódia Pinheirão, em Taubaté/SP, o Primeiro Comando da Capital – PCC. Além da luta por melhorias no sistema prisional, o objetivo primordial do PCC era vingar o episódio que ficou conhecido como “massacre de Carandiru”, uma operação policial conduzida na Casa de Detenção de São Paulo/SP, em outubro de 1992, que culminou na morte de mais de 100 presos (LUZ; CORDÃO, 2022).

Por seu turno, a terceira maior facção criminosa do Brasil é a Família do Norte (FDN), que surgiu entre 2006 e 2007 no Estado do Amazonas como resposta ao crescimento e poderio do PCC, sob a liderança de José Roberto Fernandes Barbosa (Zé Roberto da Compensa) e Gelson Carnaúba. Segundo Framento (2018), após cumprirem pena em presídios federais pelo país, Zé Roberto e Carnaúba retornaram a Manaus/AM com o propósito comum de fundar uma organização criminosa.

Rapidamente, a Família do Norte passou a comandar o narcotráfico na região Norte do país, em rotas estratégicas ao longo do rio Solimões e na fronteira tríplice entre Brasil, Peru e Colômbia. Por estabelecer conexões com outros estados brasileiros no comércio de armas e drogas, a organização se caracteriza como de abrangência intermediária, entre a expansão

nacional e regional, embora geograficamente ainda esteja restrita à região Norte (LUZ; CORDÃO, 2022).

Salienta-se que, após a consolidação do CV e do PCC, surgiram, numa espécie de reprodução de um modelo de sucesso, outras dezenas de facções criminosas pelo país (LUZ; CORDÃO, 2022), as quais foram se estabelecendo em códigos de ética próprios e adquirindo características específicas nos demais estados brasileiros.

Para Juliana Melo e Luiz Paiva (2021), em determinados contextos, as primeiras ações das facções fora das prisões foram interpretadas de forma positiva. No Rio Grande do Norte e no Ceará, por exemplo, elas conseguiram atenuar o clima de rivalidade que havia entre gangues locais e aterrorizava os moradores, conquistando, assim, espaços significativos nas periferias urbanas.

Após essa primeira fase de pacificação (MELO; PAIVA, 2021), as facções passaram a proclamar suas regras internas para manter o sentimento de identidade grupal fortalecido na prática de ações criminosas, principalmente pelo domínio expansivo de territórios para o tráfico de drogas, desenvolvendo no país uma verdadeira coexistência de ordens autônomas procurando se impor. Não obstante, a sua face mais brutal se revela no extermínio de membros de facções rivais, resultando num cenário de extrema incitação à violência.

No contexto do Rio Grande do Norte, destaca-se a formação do grupo “Sindicato do Crime do RN” (SDC), que surgiu a partir da articulação de dissidentes do PCC, por volta de 2012, num momento em que o *modus operandi* da facção paulista nas terras potiguares vinha sendo questionado por seus membros (MELO; PAIVA, 2021, p. 56):

Ao ganhar visibilidade pública, em 2015 e 2016, o SDC ou apenas “RN” difundiu a narrativa de que o grupo foi constituído por pessoas que “rasgaram a camisa”, ou seja, romperam com uma das principais organizações criminosas do país, o PCC (grifos no original).

Importante frisar que, em que pese a corrupção no sistema prisional norte-rio-grandense tenha facilitado a consolidação do Sindicato do Crime do RN como principal organização criminosa no estado, o assassinato de um dos seus líderes em contexto de fuga foi, de fato, o evento catalisador desse processo:

Um ponto importante nessa decisão foi o assassinato de uma liderança do Sindicato do Crime, Berg Neguinho, que, além de ser respeitado no meio prisional, estava tentando fugir da prisão quando foi morto. Esse crime gerou uma enorme revolta nas cadeias, pois representou a morte de um “bandido considerado” em razão de um “comando” vindo do PCC do “Sul”, de São Paulo. O quadro foi agravado porque essa liderança foi morta enquanto tentava alcançar sua liberdade, o que significa a quebra de um preceito importante para o SDC (MELO; PAIVA, 2021, p. 56).

Como se pode observar, a ordem advinda do PCC foi considerada incoerente por ferir a premissa de busca pela liberdade, repercutindo negativamente e agravando o cenário de cisão que deu margem para o advento do SDC. O episódio lançou luz sobre o simbolismo quase religioso que algumas facções atribuem a seus estatutos, e que ressoa de maneira muito incisiva no descumprimento de suas regras.

Isso porque, na tentativa de se preservar o funcionamento interno do grupo pela lealdade entre seus membros, esses coletivos instituem um senso de ordem e disciplina a partir da previsão, geralmente escrita, de princípios norteadores, normas de comportamento, hierarquia e punições. O caráter sacro que reveste suas cláusulas é tanto que Framento (2018), por exemplo, elaborou uma tabela de comparação entre as regras do PCC e os mandamentos bíblicos (ver anexo I).

Derradeiramente, salienta-se que a própria elaboração de um estatuto representa, entre outras coisas, o comprometimento dos faccionados não apenas com a organização criminosa em si, mas com um conjunto de valores, um guia moral que, dentro da sua ideia de coerência, “legítima” e “justifica” suas ações, apesar da natureza ilícita perante o resto da sociedade.

1.2 A RELAÇÃO ENTRE AS FACÇÕES CRIMINOSAS E A POBREZA

Não raro, a literatura retrata a desigualdade social como sendo uma das maiores causas, senão a principal, da criminalidade. Essa relação é explorada por doutrinadores de diversas áreas em âmbito internacional, mas, principalmente, da criminologia crítica, podendo ser encontrada, por exemplo, na obra de expoentes como Alessandro Baratta (2011) e Eugênio Zaffaroni (2021).

Em que pese não devamos cair no desacerto de criminalizar a pobreza, é crucial reconhecer que as disparidades socioeconômicas viabilizam a criação de ambientes propícios ao cometimento de infrações. Para Almeida (2021), por exemplo, a divisão excludente do espaço urbano em elitizado e periferia, financiada pelo poder público, contribui para a formação de redutos de violência na medida em que cria áreas desvalorizadas e abandonadas, onde o contrato social é rompido.

A ineficiência de políticas públicas e as limitações de acesso à educação de qualidade, a empregos estáveis e condições materiais mínimas para uma vida digna, entre tantos exemplos, são fatores que, especialmente quando interligados, impelem a marginalização de determinados grupos sociais.

Com efeito, indivíduos excluídos socialmente tendem a ser acometidos por um sentimento de desesperança e alienação, o que, por sua vez, pode motivar o seu envolvimento

em atividades ilícitas, seja como forma de subsistência, de reivindicação de poder, visibilidade e pertencimento. Diga-se de passagem, tudo isso é ofertado pelas facções criminosas.

Para Luz e Cordão (2022, *online*), o crime organizado preenche as lacunas da assistência social que o Estado vai deixando para trás. E, nesse processo, as facções refletem, não por acaso, uma característica típica de grupos mafiosos, qual seja, a sensação de pertencimento familiar a um núcleo social “que acolhe o delinquente e sua família, disseminando um sentimento de confiança”.

A esse respeito, Renato Brasileiro (2016) comunica que o Comando Vermelho, por exemplo, aproveitou o espaço deixado pela ausência do Estado nas favelas do Rio de Janeiro para desenvolver uma política de proteção e de benfeitorias, intentando, com isso, obter o apoio das comunidades que dominara.

Por outro lado, para o cientista social Francisco Augusto (2023, *online*), as facções criminosas “sobrevivam da pobreza, mas odeiam os pobres”. Isso porque, quando esses coletivos saíram dos presídios e chegaram às comunidades, ofereceram à população uma espécie de rede de proteção social.

Todavia, com a substituição dos atores originais que firmaram esses pactos, alguns anos depois do seu estabelecimento nesses locais é possível observar um novo fenômeno: o descompromisso com aquele princípio de proteção e com o senso de justiça que ancorava a confiança da população pobre e periférica no crime organizado (AUGUSTO, 2023).

De todo modo, constata-se que a atuação das facções em bairros populares e comunidades periféricas interfere diretamente no modo de vida da população, seja enquanto poder paralelo que restringe a sua liberdade de ir e vir (DOMINGUES, 2021), seja enquanto nova realidade social que se ramifica em locais vulneráveis e cujo poder tem relação direta com a economia e demais áreas do conhecimento (LEITÃO; CASTRO; AZEVEDO, 2023).

Frisa-se que, por “pobreza”, entendemos a exclusão social, produto de um sistema de desigualdades socioeconômicas que se ancora na desídia do Estado e, numa lógica capitalista de concentração de rendas, facilita o recrutamento de novos membros para o mundo do crime.

1.3 POSSÍVEIS IMPACTOS CAUSADOS PELA PRESENÇA DE FACÇÕES CRIMINOSAS EM BAIRROS POPULARES E COMUNIDADES VULNERÁVEIS

A relação entre as facções criminosas e as comunidades pobres é duplamente qualificada: enquanto exploram a vulnerabilidade da população para aliciar novos integrantes e controlar o território, as facções agravam os problemas socioeconômicos das regiões em que

se estabelecem, uma vez que dificultam o incremento de políticas públicas e outros meios de desenvolvimento social.

Entre outros fatores, o fenômeno varia de acordo com o perfil dos moradores, das lideranças comunitárias e da atuação dos equipamentos sociais ativos em cada bairro. A título de exemplo, Beato e Zilli (2012) realizaram um estudo de caso nas cidades do Rio de Janeiro/RJ e de Belo Horizonte/MG a fim de verificar as implicações dos conflitos protagonizados por gangues, facções e grupos armados nas comunidades em que a atividade estatal incidia com maior dificuldade.

Como resultado, os autores apontam que um dos principais problemas para frear a atuação desses grupos é o fato de que a aparição do Estado quase sempre se limita a operações policiais pontuais, marcadas pelo uso desproporcional da força. E apesar de produzirem efeitos muito restritos e de curta duração, essas intervenções ainda assim constituem o principal tipo de estratégia que vem sendo utilizado pelas autoridades ligadas à segurança pública nas últimas décadas (BEATO; ZILLI, 2012).

Ademais, importa frisar que essas comunidades investigadas geralmente se constituem por famílias vizinhas, as quais se utilizam de espaços e equipamentos sociais comuns, diante do que é possível concluir que alguns dos moradores mais afetados pela atuação das facções são justamente os parentes dos membros faccionados.

Pensando nisso, Nilson Freitas e Clarisse Sousa (2020) fomentaram uma reflexão sobre as impressões dos familiares de jovens envolvidos com atividades ilícitas e em conflito com a lei no contexto do bairro Tamarindo, em Sobral/CE. A partir de uma pesquisa de iniciação científica, realizada em 2014, os autores encontraram um espaço que perpassava por um processo simultâneo de integração e de disputa de territórios.

Em suas palavras, as narrativas ali produzidas envolvem “parentesco, estereótipos e a própria condição de ser jovem e morar naquele território, tendo relação ou não com o uso de drogas” (FREITAS; MENDES, 2020, p. 109). Destarte, a pesquisa confirma que todos os moradores de um bairro dominado por facções podem ser (e geralmente são) afetados por sua atuação, e precisam, em maior ou menor grau, readaptar seus modos de vida.

Para mais, o trabalho desenvolvido em Sobral/CE destaca que a juventude tem sido a maior fonte de alimento das facções criminosas. Em conformidade, Juliana Melo e Luiz Paiva (2021) sustentam que entre os problemas criados com a experiência social das facções está a crescente participação de jovens nas dinâmicas criminais. No Nordeste, o engajamento da juventude se mostra em papéis relevantes no interior desses grupos, que vão de “ações

circunstanciais do comércio de drogas até a participação em assassinatos” (MELO; PAIVA, 2021, p. 49-50).

Esses e outros estudos demonstram que os impactos da atuação das facções criminosas em comunidades vulneráveis são muitos e multifacetados. Além do aumento da violência, destacam-se a estigmatização do território, que consequentemente dificulta a integração social, o desenvolvimento econômico e a resiliência comunitária, e o enfraquecimento de instituições como a polícia e o Poder Judiciário.

De antemão, observa-se que todos esses efeitos são comuns ao bairro Barrocas, território desse estudo, motivo pelo qual se mostra pertinente resgatar o seu contexto histórico para identificar os fatores que viabilizaram o estabelecimento de facções criminosas no seu interior, conforme será visto a seguir.

2 CONHECENDO O BAIRRO BARROCAS: CONTEXTO HISTÓRICO, EVOLUÇÃO SÓCIO-GEOGRÁFICA E PERFIL DOS MORADORES

O bairro Barrocas, situado na zona norte do município de Mossoró/RN, não escapa do cenário encontrado por Melo e Paiva (2021), na cidade de Sobral/CE, uma vez que a disputa de território entre facções rivais tem interferido na qualidade de vida de seus moradores, provocando um sentimento generalizado de insegurança pessoal e familiar que atinge diretamente o seu ideal de pertencimento comunitário.

Mossoró, elevada à categoria de “cidade” em 1870 (MOSSORÓ, 2024), fica a 280 km da capital Natal e pertence à mesorregião do Oeste Potiguar. De acordo com o último censo do IBGE (2022), possui cerca de 264.577 (duzentos e sessenta e quatro mil, quinhentos e setenta e sete) habitantes, distribuídos numa área de 2.099,334 km². Em 2017, pela lei n. 13.568/2017, sancionada pelo então presidente Michel Temer, foi nomeada “Capital do Semiárido Brasileiro” e, segundo a tradição e a literatura majoritária, a origem do seu nome, homônimo do rio que a atravessa, remonta aos indígenas Monxorós, primeiros habitantes da região:

Mais crível é provir o topônimo da tribo cariri dos Mouxorós ou Monxorós que habitaram a região até quase metade do século XVIII, justamente o século do povoamento mossoroense. [...]. Havia, pois, uma aldeia indígena denominada Mossoró e habitada pelos indígenas deste nome. (CASCUDO, 2010, p. 12).

Em harmonia, o historiador Francisco Fausto de Souza (2010) aduz que, no início do século XVIII, após a retirada dos povos indígenas locais (referidos por Souza como os “gentios bravos”) para as terras do Maranhão, a ribeira de Mossoró se dividiu em fazendas, as quais eram gerenciadas por proprietários advindos de outras regiões:

Até o meado desse século a população da ribeira de Mossoró fora muito limitada, constante apenas de criadores, vaqueiros, procuradores das respectivas fazendas, que segundo a tradição os seus proprietários eram todos moradores de fora, podendo conjecturarmos que talvez houvesse [...] uma pessoa para cada cem cabeças de gado (SOUZA, 2010, p. 07).

Dentre elas, estava a fazenda das “Barrocas”, localizada à margem esquerda do rio Mossoró e pertencente ao Sargento-mór Domingos Francisco (SOUZA, 2010), território que hoje compreende o bairro homônimo Barrocas.

Curiosamente, alguns moradores atuais do referido bairro acreditam que o nome “Barrocas” advém de uma prática antiga, remetida aos trabalhadores da época em que a região começou a se urbanizar, qual seja, a fabricação manual de tijolos de barro às margens do rio. Isso porque cada grupo de tijolos empilhados constituía uma “barroca”, de maneira que o ponto

de referência das ruas mais próximas ao rio era justamente “onde ficavam as barrocas” ou “próximo às barrocas”, por exemplo.

Em todo caso, Chagas (2010) explica que a referida área permaneceu com características rurais por muito tempo, mas cresceu e se urbanizou, passando a ser considerada bairro na década de 1960. Assim também aduz Rocha (2005), cuja pesquisa retrata o processo de expansão urbanística de Mossoró:

Em 1964, a Cidade apresentava cerca de 70.000 habitantes e a mancha urbana continuou a ultrapassar a Linha Férrea no sentido oeste. [...] No sentido norte, surgiu o bairro Barrocas, que tinha como limites as lagoas e as planícies inundáveis do rio Mossoró, que durante muito tempo atuaram como a principal barreira da expansão da cidade nessa direção (ROCHA, 2005, p. 54).

No final dos anos 1980 e início da década de 1990, à época do primeiro mandato de Rosalba Ciarlini na prefeitura de Mossoró, as ruas do bairro Barrocas ainda não eram revestidas por calçamento e havia muita vegetação, segundo relatos de Zélia Mota, servidora aposentada que esteve na presidência do conselho comunitário deste bairro durante seis anos, conforme explicado por Chagas (2010).

Evidencia-se, portanto, que os investimentos na infraestrutura do bairro Barrocas demoraram a chegar, de modo que a referida área sofre, ainda hoje, com problemas urbanos. Dentre eles, destacam-se as inundações decorrentes do aumento no nível do rio Mossoró em épocas de grandes chuvas, os índices significativos de violência e a dificuldade de acesso a serviços públicos em geral (CHAGAS, 2010).

De acordo com os dados mais recentes da base do SIDRA, o Sistema IBGE de Recuperação Automática, em 2010, o bairro Barrocas possuía 20.372 (vinte mil, trezentos e setenta e dois) habitantes, considerando todas as idades, sendo 51,54% (cinquenta e um vírgula cinquenta e quatro por cento) mulheres e 48,46% (quarenta e oito vírgula seis por cento) homens. Neste levantamento, a maioria dos moradores, 51,88% (cinquenta e um vírgula oitenta e oito por cento), se reconheceu como pessoa parda (ver anexo II). No mesmo período, Chagas (2010, *online*) descreve o bairro como sendo “predominantemente residencial e com padrão construtivo de baixa renda”.

Ademais, importa frisar que o bairro Barrocas é hoje amparado por um Centro de Referência em Assistência Social – CRAS, localizado na avenida Alberto Maranhão (ver apêndice 1), e por uma Unidade Básica de Saúde – UBS, Dr. Ildone Cavalcante de Freitas, situada na rua Marechal Deodoro (ver apêndice 2). E embora pertença ao bairro Santo Antônio, a Unidade de Pronto Atendimento – UPA, Conhecita Ciarlini, na rua Seis de Janeiro, é muito acessada pelos moradores das Barrocas.

No tocante à educação, além das instituições de ensino privadas, o bairro conta com algumas Unidades de Educação Infantil – UEIs, escolas públicas municipais e estaduais, dentre as quais se destaca a escola municipal Prof.^a Celina Guimarães Viana, localizada na rua Tibério Bulamarque (ver apêndice 3), exatamente por trás da UBS.

Denota-se, portanto, que os equipamentos da rede municipal de saúde, educação e assistência social estão dispostos, no bairro Barrocas, em pontos estratégicos de proximidade geográfica, facilitando e integralizando o acesso da população que necessita diariamente desses serviços. A curta distância entre algumas dessas instituições possibilita o seu trajeto, inclusive, a pé (ver anexo IV).

Por outro lado, no quesito auto-organização e emancipação da comunidade, menciona-se a existência de dois conselhos comunitários (apêndice 4): o Barrocas I, na Rua Marechal Deodoro, que está sem representante e descumprindo a sua finalidade há anos, e o Barrocas II, na Rua Tibério Bulamarque, em pleno funcionamento, cuja relação díspar será discutida a posteriori.

2.1 A CHEGADA DAS FACÇÕES CRIMINOSAS NO BAIRRO BARROCAS

A chegada das facções criminosas no bairro Barrocas foi muito similar ao processo já explicado por Melo e Paiva (2021) no capítulo 1. Nos anos 2000, gangues locais disputavam territórios estratégicos para o tráfico, principalmente nas imediações das praças públicas do bairro, onde o consumo e a comercialização de drogas eram feitos sem disfarce.

Uma dessas praças, construída na forma de um mirante, dá acesso direto ao rio Mossoró, com vistas para uma barragem que o compartimenta. No seu entorno, há também muitos atalhos por entre a vegetação, viabilizando pontos de baixa iluminação à noite e esconderijos (ver apêndice 5). Por tais motivos, a “praça da barragem”, como ficou conhecida, por muitos anos foi utilizada como uma das “bocas de fumo” mais afamadas no bairro, assim como rota de fuga para atentados entre rivais ou operações da polícia militar.

Nessa época, uma gangue específica, constituída por jovens parentes entre si e que residiam muito próximo à referida praça da barragem, era mais conhecida pelos moradores, e dada a prática reiterada de ilícitos, alguns dos seus integrantes foram presos, o que coincidiu com a inauguração do presídio federal de Mossoró, que ocorreu em 2009. Vale lembrar que essa unidade prisional é a única do Nordeste que integra o sistema penitenciário federal brasileiro, criado para combater o crime organizado no país, entre outros meios, pelo isolamento de lideranças criminosas e presos de alta periculosidade (BRASIL, 2024).

E embora o fato divida opiniões, o sistema de rodízio dos líderes das facções nas prisões federais, que, inclusive, fomentou a passagem de expoentes como Marcola, Fernandinho Beira-Mar e Marcinho VP por Mossoró (MAZDA, 2017), por exemplo, acabou atraindo seguidores para onde seus respectivos mandantes cumprissem pena, viabilizando a expansão de facções como CV e PCC para outros Estados.

Para Leandro Machado (2019), repórter da BBC News Brasil, em matéria à UOL Notícias, há quem diga que a presença de criminosos de outros Estados em Mossoró ajudou a disseminar a violência urbana, haja vista que outras figuras do crime teriam migrado para os entornos da cidade para ficar perto da detenção, malgrado a tese não seja um consenso.

O jornalista sustenta que o aumento da criminalidade em Mossoró se deve a um movimento iniciado na década passada, quando o PCC e o Comando Vermelho ampliaram seus negócios para o Norte e o Nordeste do país. No Rio Grande do Norte, especificamente, a chegada do PCC refletiu no crescimento significativo dos índices de homicídio no entre 2010 e 2019 (MACHADO, 2023).

Na experiência do bairro Barrocas, essa especulação parece se confirmar. Ao longo da década de 2010, os egressos do sistema prisional, que entraram como membros de gangue, agora eram integrantes de facções, tendo em vista que a captação de novos membros pelas facções criminosas ocorre, sobretudo, no interior das prisões.

Com efeito, os seguidores das antigas gangues que estavam em liberdade, nas Barrocas e demais bairros mossoroenses, acompanharam seus líderes, assumindo uma ou outra posição. Em pouco tempo, as gangues já não mais existiam e o bairro Barrocas passou a ser associado sobretudo, mas não exclusivamente, à facção do PCC, graças a um processo de ruptura interna, que será visto a seguir.

2.2 PRINCIPAIS FACÇÕES ATUANTES NO BAIRRO BARROCAS

Conforme visto acima, ao longo da década de 2010, antigos membros de gangues mossoroenses passaram a ser incorporados pelas facções, crucialmente pelo Primeiro Comando da Capital. Posteriormente, com o advento do Sindicato do Crime do RN, o Estado se tornou palco de uma disputa incessante pelo controle de territórios para o tráfico (MACHADO, 2023).

Em um dos episódios protagonizados por conflitos entre o PCC e o SDC, no ano de 2017, na penitenciária Alcaçuz, situada em Nísia Floresta/RN, região metropolitana de Natal/RN, uma brutal rebelião resultou na morte de 26 (vinte e seis) presos e teve repercussão nacional, representando não apenas a ferocidade das facções e os problemas do sistema penitenciário local, mas um marco na história da rivalidade entre esses dois grupos.

Nas Barrocas, por volta de 2015, houve também uma ruptura que seguiu esse padrão: disputas internas fizeram com que alguns integrantes do PCC migrassem para o Sindicato do Crime do RN, afastando-se do bairro. Desde então, os remanescentes do PCC têm sido alvo de execuções e atentados promovidos por esses dissidentes, o que, inclusive, acabou reduzindo o número de membros faccionados no setor. Significa dizer, curiosamente, que os principais rivais dos integrantes do PCC que ainda residem nas Barrocas são justamente ex-moradores do bairro, hoje filiados ao SDC.

Como consequência, os moradores têm sido forçados a suportar os efeitos desses conflitos com pouco ou nenhum espaço de fala ao longo dos últimos 10 (dez) anos. Em vista disso, para que a pesquisa conseguisse mobilizar reflexões práticas no seio da comunidade em foco, mostrou-se crucial pensar estratégias de aproximação que lhe devolvessem o direito à palavra, as quais serão melhor pontuadas no próximo capítulo.

3 A PERCEPÇÃO DOS MORADORES: ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Conforme explicado a priori, o trabalho foi dividido em duas etapas, sendo o primeiro e o segundo capítulos constituídos por resgates históricos e discussões teóricas, enquanto a parte final se atém às considerações dos moradores do bairro estudado. Tendo em vista a provável parcialidade e subjetividade das falas dos participantes, o que era justamente a nossa pretensão, essa divisão entre teoria e prática foi pensada com o fito de garantir o equilíbrio e a confiabilidade das informações suscitadas no produto final da pesquisa.

Nesse ínterim, sobreveio a necessidade de se fomentar a aproximação direta entre academia e comunidade, o que se propôs a fazer pelo o contato direto com moradores comuns que residem nas Barrocas desde que nasceram ou há pelo menos 15 (quinze) anos, e, depois com representantes de algumas instituições e equipamentos sociais ativos no bairro.

Dado o caráter qualitativo da investigação, os participantes foram convidados após a análise prévia de fatores como a sua atuação no bairro (comum ou representante de algum segmento), o tempo de moradia, a sua aproximação com membros de facção (parentesco ou relacionamento afetivo), além das relações que cultivassem entre si e com outros integrantes da comunidade.

Isto posto, passou-se ao levantamento dos dados, que foi realizado entre agosto e setembro de 2024, totalizando dois meses. Quanto aos instrumentos de coleta, inicialmente foi elaborado um questionário com 17 (dezessete) perguntas de resposta aberta, além dos campos de preenchimento de dados e autorização de uso, a ser aplicado com moradores mais jovens, presumindo-se a sua facilidade de manuseio das ferramentas digitais, uma vez que foi utilizada, para tal, a plataforma virtual de gerenciamento de pesquisas *Google Forms*.

Este questionário, divulgado por meio das redes sociais *Whatsapp* e *Instagram*, foi respondido por 10 (dez) moradores, sendo cinco homens e cinco mulheres, todos com idade entre 20 e 31 anos, com nível de escolaridade variando entre ensino médio completo e ensino superior completo ou incompleto. As respostas foram enviadas entre 14 de agosto e 06 de setembro de 2024.

Com os moradores mais velhos, por sua vez, o instrumento de coleta de dados empregado foi a entrevista semiestruturada, resgatando-se as perguntas do questionário como ponto de partida. As entrevistas foram realizadas entre 17 de agosto e 03 de setembro de 2024, de modo presencial, geralmente na casa do entrevistado, com a gravação e posterior transcrição das falas conseguidas.

Entre os moradores comuns, cinco pessoas foram entrevistadas, sendo dois homens e três mulheres, com idade entre 32 e 52 anos (com exceção de uma jovem de 25 anos, que preferiu participar da entrevista em vez de responder ao formulário), e com escolaridade abrangendo também o ensino fundamental incompleto.

E, dado o caráter qualitativo da pesquisa, alguns representantes das instituições do bairro, não necessariamente contemporâneos e/ou ocupantes dos cargos de gestão, também foram entrevistados, falando em nome da Unidade Básica de Saúde e do Conselho Comunitário Barrocas II. Também foi ouvido um ex-policial militar e ainda morador do bairro.

As informações sobre o Conselho Comunitário Barrocas I, que não possui representante e não está em funcionamento, foram coletadas com a escuta informal de pessoas que moram em frente ao prédio. Por sua vez, dada a ausência de resposta da atual gestão da Escola Municipal Prof.^a Celina Guimarães Viana às tentativas de contato, foi conseguido o relato da experiência de outra pessoa que já passou pelo corpo administrativo da instituição, mas que se disponibilizou, porém, apenas via *Whatsapp*.

Ademais, em 03 de setembro foi realizada uma visita ao CRAS Barrocas na tentativa de trazer para o trabalho a visão deste equipamento sobre o tema, entre outras questões, sobre os projetos desenvolvidos no âmbito da instituição e sobre como a presença de facções no bairro contribui para o perfil de vulnerabilidade das famílias assistidas.

Contudo, umas das servidoras que estava presente no momento, embora só integrasse a equipe das Barrocas há cerca de dois meses, solicitou o envio de um ofício por e-mail e explicou que a equipe responderia às questões também por este meio. Assinado pela universidade, o ofício foi enviado ao CRAS no dia 05 de setembro, com aviso de recebimento no dia seguinte, mas apesar de reiterado duas vezes, não houve retorno. Por este motivo, não foi possível incluir a perspectiva do equipamento na pesquisa.

3.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tanto no formulário *online* quanto nas entrevistas pessoais, os participantes foram questionados, inicialmente, sobre quais facções já passaram e/ou ainda estão em atividade no bairro Barrocas. As respostas variaram entre “PCC”, “Sindicato do Crime do RN”, ou “PCC e RN”, sem nenhuma menção a outros grupos, o que confirma o cenário explicado no segundo capítulo deste trabalho.

Dando seguimento, os moradores também foram estimulados narrar, do seu ponto de vista, como foi a chegada das facções criminosas no bairro, sendo explicado que esse processo começou com as gangues locais mais ou menos a partir de 2008, vejamos:

Por volta de 2008 que começou a explodir, por conta do “pessoal da vila” (antiga gangue local) que “se formaram como gente” em 2008, 2009 [...]. Eles dominavam quase tudo aqui em Mossoró. Barrocas, Bom Jardim e Santo Antônio era só eles.

(Morador do bairro Barrocas, 45 anos, auxiliar de logística – Entrevista realizada em 17/08/2024, grifei)

Naquela época, não existiam as facções, mas existiam as gangues, então, quando elas se encontravam, geralmente era bairro contra bairro, até que surgiu as facções e as coisas foram tomando uma proporção maior.

(Morador do bairro Barrocas, 32 anos, encanador – Entrevista realizada em 18/08/2024, grifei).

Memore-se que, ao longo dos anos 2010, as antigas gangues foram sendo substituídas por facções criminosas, na medida em que egressos do sistema prisional retornavam ao bairro Barrocas, onde residiam, agora filiados ao PCC, expandindo a influência da facção paulista. Ou seja, os expoentes eram praticamente os mesmos, mas a nomenclatura do grupo mudou.

Adiante, os moradores foram perguntados sobre os fatores que, na sua opinião, viabilizaram o estabelecimento das facções no bairro, e, nesse quesito, as respostas variam entre três grandes pontos, sendo eles: o caráter periférico do bairro, a alta disponibilidade de adolescentes ociosos e a vinda de faccionados de outros estados para Mossoró após a inauguração do presídio federal.

Em se tratando do caráter periférico do bairro Barrocas, os participantes apontaram como grande causa o desinteresse do Poder Público, e, como consequência, a desigualdade social, o desemprego, a invisibilidade de alguns segmentos da população e demais questões ligadas à vulnerabilidade socioeconômica das famílias ali residentes:

A falta de segurança pública, pois os bairros periféricos são deixados à margem da sociedade, na maioria dos casos somos invisíveis para nossos governantes, o que acaba influenciando diretamente a atuação dos criminosos. (Moradora do bairro Barrocas, 25 anos, operadora de telemarketing - Resposta via formulário *online*, enviada 25/08/2024).

Acredito que a pobreza de modo geral do bairro “facilitou” com que o crime organizado chegasse e se instalasse sem muita resistência. A falta de estrutura e investimento por meio do Estado [...]. A comunidade em si tem uma vida muito sofrida, abalando a estrutura familiar e fazendo com que muitas crianças e adolescentes acabem enriquecendo os olhos para a “vida fácil” que o crime oferece inicialmente, sendo ela muito tentadora apesar de ilusória.

(Moradora do bairro Barrocas, 23 anos, professora - Resposta via formulário *online*, enviada em 06/09/2024, grifos no original).

Ainda no tocante aos fatores que facilitaram o assentamento das facções no bairro Barrocas, muito se falou na alta disponibilidade de adolescentes ociosos, inclusive com tendências, segundo alguns moradores, a maus comportamentos:

Os jovens soltos no meio da rua sem ter o que fazer, e a tendência é: mente vazia, oficina do “cão”.

(Morador do bairro Barrocas, 45 anos, auxiliar de logística – Entrevista realizada em 17/08/2024, grifei).

No meu ponto de vista, a falta de oportunidade, né? Os jovens não ter em quê ocupar o seu tempo no dia a dia, e assim, sobrando tempo para fazer o que não presta, como usar drogas, passar mais tempo na rua, se envolver com assalto, com coisas ilícitas.

(Morador do bairro Barrocas, 32 anos, encanador – Entrevista realizada em 18/08/2024).

O terceiro fator suscitado pelos participantes retoma aquela especulação teórica sobre a vinda de faccionados de outros estados para Mossoró após a inauguração do presídio federal, além de menções ao tráfico de drogas, que já existia no bairro desde as gangues:

Depois que montou aqui (o presídio), quem “tava” lá fora que tinha um (parceiro) preso aqui, vinha fazer moradia em Mossoró [...]. E o que facilitou foi a droga, né?!

(Morador do bairro Barrocas, 60 anos, ex-policial militar – Entrevista realizada em 28/08/2024, grifei).

Adolescentes vulneráveis e a construção do presídio.

(Morador de 26 anos, eletricista – Resposta via formulário *online*, enviado em 24/08/2024).

Outrossim, adentrando no objetivo geral da pesquisa, foi questionado se, e de que modo, a atuação das facções criminosas no bairro Barrocas interfere nos hábitos e na vida privada dos respondentes, momento em que muitas pessoas se utilizaram da expressão “indiretamente, sim”. E embora nas suas falas não tenha ficado nítida a distinção entre o que seria uma interferência direta ou indireta, para os fins da pesquisa é possível afirmar que todos os participantes sentem diariamente, ou já sentiram em situações específicas, essa interferência em maior ou menor grau:

Já teve uma pessoa específica da nossa família, um primo que morava na casa ao lado, que a gente teve que se mudar por conta do tanto de vezes que, enfim, estavam atrás dele, não só a polícia, como os inimigos. Houve um tempo que a gente não conseguia dormir direito porque a qualquer momento tinha troca de tiros.

(Moradora do bairro Barrocas, 25 anos, professora – Entrevista realizada em 17/08/2024).

Observou-se, sobretudo, que a presença das facções alterou a dinâmica da comunidade do bairro Barrocas, tomando destaque, entre falas, fatores como a sensação de medo constante, a limitação de acesso a determinados locais por adultos e crianças, o estigma que o nome do bairro carrega perante serviços externos e a necessidade de adaptação dos horários de

sociabilidade (conversas na calçada, sair para trabalhar ou chegar de festas em casa etc.). São exemplos de outras situações compartilhadas:

Costumava brincar muito nas praças, uma simples sentada da calçada pra conversar e hoje não podemos. Meus filhos hoje em dia vive “preso”, não brincam igual eu brincava antigamente. [sic]

(Moradora do bairro Barrocas, 23 anos, autônoma – Resposta enviada via formulário *online* em 14/08/2024, grifos no original).

A partir das 21h, esqueça *Uber*, esqueça *delivery*, não vem!

(Morador do bairro Barrocas, 45 anos, auxiliar de logística – Entrevista realizada em 17/08/2024, grifei).

Qualquer carro estranho, movimento suspeito ou pessoa desconhecida parecia uma ameaça. Sentar na calçada era um costume, mas sempre prontos para correr em qualquer situação [...]. Voltar pra casa por trás da escola jamais, por ser conhecido como um trecho perigoso [...]. Então sempre foi sobre viver em estado de alerta, porque a qualquer momento podia ser sua vez ou a vez de um conhecido se tornar vítima.

(Moradora do bairro Barrocas, 23 anos, professora – Resposta via formulário *online* enviado em 06/09/2024).

O domínio dos bairros pelas facções implica também na atribuição de uma identidade forçada a todos os moradores, independentemente do seu envolvimento com atividades ilícitas e em prejuízo direto da sensação de pertencimento comunitário.

É tudo tão normalizado que não parece mais ter como separar a comunidade do crime. Acredito que evidenciar essa separação seja um choque de realidade necessário também, dando à comunidade a devida importância e mostrando que ela não é parte ou fruto do crime.

(Moradora do bairro Barrocas, 23 anos, professora – Resposta via formulário *online*, enviado em 06/09/2024).

No bairro estudado, como consequência dessa identidade atribuída a contragosto, vem, figurando entre as várias formas de interferência da atuação das facções na vida dos moradores comuns, a dificuldade de frequentar ou de se estabelecer em um bairro dominado por uma facção rival, simplesmente por ser morador das Barrocas:

O que me afeta mais, é você não poder andar tranquilamente em outro bairro [...] porque, quando eles sabem que você é de um bairro de uma facção rival, aí o bicho pega. Mesmo que eu não faça parte da facção, mas só de eu morar um bairro que a facção é rival, eu já sou afetado.

(Morador do bairro Barrocas, 32 anos, encanador – Entrevista realizada em 18/08/2024).

Eu mesmo já sofri isso aqui. Eles eram meus amigos de escola, meus amigos de brincadeira, e, no entanto, fui ali pra rua do Bom Jardim e eles pediram com educação, mas com arma em punho: por favor, [nome], você pode se retirar?! Um deles disse: eu sei que é fulano (reconheceu da escola), mas ele mora nas Barrocas.

(Morador do bairro Barrocas, 45 anos, auxiliar de logística – Entrevista realizada em 17/08/2024, grifei).

A recíproca também é verdadeira:

Eu não podia trazer ninguém, sem ser do mesmo bairro, pra minha casa. Uma vez estava com um amigo de trabalho, tinha vindo deixar um caderno, eles pararam e perguntaram de onde que fulano era, a gente se sentiu ameaçado. (Moradora do bairro Barrocas, 25 anos – Resposta via formulário *online*, enviada em 14/08/2024).

Noutra esteira, para além da segurança física, a violência urbana também causa profundos danos emocionais à população atingida. As mortes violentas, um forte indicativo da presença de facções nos bairros, geram ciclos viciosos de luto e trauma que afetam não apenas os familiares da vítima, mas toda a comunidade ao redor.

Consequentemente, muitas famílias passam a viver sob a ameaça constante de perder seus entes queridos, crucialmente aqueles do sexo masculino, para o crime. A esse respeito, segue a fala de uma moradora do bairro Barrocas sobre o fato de a presença das facções criminosas no entorno de sua família afetar diretamente a questão emocional:

Ver meus irmãos se envolvendo aos poucos com ditas "pessoas erradas" me fazia temer muito pela vida deles. [...] Morar num bairro violento talvez seja um dos meus maiores gatilhos para nunca conseguir lidar bem com situações que saiam um pouco do meu controle. (Moradora do bairro Barrocas, 23 anos, professora – Resposta via formulário *online*, enviada em 06/09/2024, grifos no original).

O histórico de violência no bairro estudado é tão palpável que, quando questionados se já haviam perdido algum familiar ou amigo por morte violenta, todos os participantes responderam que sim, a exemplo dos relatos a seguir:

Meu primo. Tentaram matar ele, ele escapou por vezes. Mas na última tentativa, mataram ele e por pouco não mataram o filhinho dele junto. (Moradora do bairro Barrocas, 31 anos, recepcionista – Resposta via formulário *online*, enviada em 21/08/2024).

Eu perdi um irmão também, por dívida de drogas. Foi executado a mando do outro lado. (Morador do bairro Barrocas, 45 anos, auxiliar de logística – Entrevista realizada em 17/08/2024).

Um amigo meu perdeu seu irmão para o crime. [...] Aconteceu em uma escola bem conhecida do bairro, Celina Guimarães Viana. Foi em um dia de eleição, chocou o bairro e a cidade. (Moradora do bairro Barrocas, 25 anos, operadora de telemarketing – Resposta via formulário *online*, enviada em 25/08/2024).

Não menos importante, foi perguntado sobre a atuação da polícia militar no setor. Isso porque, o modo de agir da polícia perante moradores comuns é capaz de modificar

comportamentos para o bem, estimulando um ambiente de confiança e cooperação comunitária pelo fomento da segurança e da ordem pública, ou para o mal, intensificando a violência.

Nesse diapasão, o questionamento foi levantado a fim de esclarecer questões operacionais, como a frequência das rondas, os tipos de procedimento e abordagens que os agentes dessa força de segurança empregam aos olhos da população para frear as facções, bem como identificar os níveis de confiança que os participantes depositam na instituição. Infelizmente, na experiência do bairro Barrocas, a polícia militar não tem muita credibilidade:

Pode ser bem sincero? A polícia daqui é comprada, a maioria, claro. Muitos estabelecimentos aqui, bares, lanchonetes, pagam a polícia para vir fazer a segurança. Ela não vem por ser o papel dela, é muito difícil a gente vê uma ronda aqui.

(Moradora do bairro Barrocas, 25 anos, professora – Entrevista realizada em 17/08/2024).

A polícia só vem mesmo quando tem alguma ocorrência.

(Morador do bairro Barrocas, 32 anos, encanador – Entrevista realizada em 18/08/2024).

Lembro de ver polícia sempre que havia alguma tragédia, assalto, morte. Não podemos dizer que existe policiamento no bairro quando a polícia só aparece após algum acontecimento ruim.

(Moradora do bairro Barrocas, 23 anos, professora – Resposta via formulário online, enviada em 06/09/2024).

Ainda nessa linha de pensamento e com base naquela discussão trazida por Beato e Zilli (2012), sobre as operações policiais representarem, embora com efeitos restritos e de curta duração, praticamente a única forma de aparição do Estado nas comunidades vulneráveis visando frear a atividade das facções, além de questionar os moradores comuns, também convidamos um ex-policia militar e ainda morador do bairro Barrocas, que esteve na ativa por quase 30 (trinta) anos (1984-2013), para participar da pesquisa e trazer o seu ponto de vista, de dentro da instituição.

Em sua fala, a ideia de que a polícia só se faz presente em ocorrências foi parcialmente confirmada. Contudo, ele atenuou a informação e justificou alguns pontos na insuficiência dos recursos públicos:

De repente eles chegam fazendo uma ronda por ali, passam um pedaço aqui e vão embora, mas se a gente se sente ameaçado ou vê algo estranho, um carro pra lá e pra cá, liga pra polícia e de imediato eles chegam. [...] A polícia tem até vontade de trabalhar, mas não tem como. Salário, viatura quebrada.

(Morador do bairro Barrocas, 50 anos, ex-policia militar – Entrevista realizada em 28/08/2024).

Por outro lado, quando questionados sobre a existência de algum programa do governo ou projeto social oriundo de ONGs, universidades ou associações que trabalhasse a questão da

criminalidade urbana no bairro de maneira preventiva, com os jovens, ou de modo a enfrentar a incidência das facções, a negativa foi unânime.

Alguns moradores chegaram a mencionar a Fundação Casa do Caminho, iniciativa filantrópica de empresários seguidores dos fundamentos do educador francês Allan Kardec, que popularizou ensinamentos do espiritismo, para desenvolver projetos de inclusão social no bairro Barrocas desde o ano 2000, mas cujo propósito não está diretamente ligado à violência ou à criminalidade e não perpassa pela questão das facções criminosas em si.

Quanto às eventuais estratégias que adotam para lidar com essa questão de maneira individual e coletiva, junto à família ou à comunidade, os moradores explicaram que, na verdade, não se trata de adotar estratégias, mas de adaptar seus hábitos a uma realidade imposta, por exemplo, evitando transitar em determinados horários ou locais e limitando o convívio de seus filhos com outras crianças e adolescentes na rua.

Um denominador comum identificado nas falas foi também o desencorajamento da população em denunciar atividades ilícitas à polícia, além da necessidade de fingir não saber onde se localizam os pontos de tráfico ou onde residem os membros faccionados do bairro quando a própria polícia perguntar, por medo da retaliação:

Cara, eu nunca denunciei e nunca vou denunciar.
(Morador do bairro Barrocas, 32 anos, encanador – Entrevista realizada em 18/08/2024).

Eu digo a meu filho a vida inteira: “Quer viver muito? Não comente o que você viu, boquinha fechada”. Quando eles vão presos ou vão embora, eu digo: “E eles vendiam droga?”, me fazendo de inocente, porque é assim que a gente vive.
(Moradora do bairro Barrocas, 52 anos, doméstica – Entrevista realizada em 18/08/2024, grifei).

Além do receio de ser descoberto e sofrer algum tipo de retaliação, outro motivo para não denunciar os faccionados foi a estima, a consideração. Como dito anteriormente, a maioria dos membros de facção são moradores do bairro dominado que tiveram contato com a comunidade muitas vezes desde a infância, ou seja, são colegas de escola, da igreja, da vizinhança, jovens conhecidos por quem muita gente nutre carinho:

Eu tenho meus motivos. Por exemplo, na maioria das bocas, tinha sempre uma pessoa que a gente conhecia. Querendo ou não, [...] tem pessoas dentro da facção que a gente gosta, são próximas, que a gente viu crescer, cresceu junto, então muitas vezes a gente deixa passar, não quer entregar porque conhece a pessoa.
(Moradora do bairro Barrocas, 25 anos, professora – Entrevista realizada em 17/08/2024, grifos meus).

Em todo caso, entre as reflexões mais frequentes trazidas pelas pessoas entrevistadas, destaca-se o fato de o bairro Barrocas estar muito mais tranquilo hoje do que há 10 (dez) anos, por exemplo. Infelizmente, o que corroborou esse resultado foi a prisão, a expulsão e o assassinato de muitos faccionados que faziam a fama do bairro, tornando-o palco de várias execuções e disputas territoriais sangrentas, além de atrair operações violentas da polícia militar também:

Na verdade, Barrocas “tá” mais tranquilo hoje em dia, né? [...] Devido a muitos homicídios, eles não andam mais na rua com arma na mão, não vendem mais drogas à luz do dia, que nem era antigamente. Antigamente, eles vendiam droga na praça, consumiam na praça, andavam armados na praça, na rua, intimidando a população. Hoje em dia, depois das facções, o número de homicídios aumentou, gerando um medo entre eles mesmos, de ser pego de surpresa por um da facção rival. [...] Alguns foram embora, outros estão presos, e os que restam estão com medo, escondidos [sic]. (Morador do bairro Barrocas, 32 anos, encanador – Entrevista realizada em 18/08/2024, grifei).

No mesmo sentido, segue a fala de uma participante sobre um ex-morador do bairro que, agora filiado ao Sindicato do Crime do RN, já retornou às Barrocas muitas vezes para exterminar membros remanescentes do PCC. Na sua percepção, isso foi algo positivo:

Fulano “botou moral” nas Barrocas. Aqui pra nós, a polícia não dava jeito, juiz não dá jeito, então ele veio e assim, “botou” um “bocado” pra correr, matou um “bocado”. Se não fosse ele, como é que “tava” as Barrocas? [sic] (Moradora do bairro Barrocas, 52 anos, doméstica – Entrevista realizada em 18/08/2024, grifei).

Não obstante, o bairro ainda carrega o estigma da violência. Problemas como o perfil de baixa renda das famílias e a ociosidade dos jovens continuam sem solução, de maneira que ganhar a vida pelo crime parece ser sempre uma alternativa em vista. Pensando nisso, os moradores entrevistados foram incentivados a sugerir possíveis soluções ou iniciativas, governamentais e comunitárias, de enfrentamento à expansão da criminalidade pela captação de novos membros por facções. As respostas variaram muito, com referências à fé religiosa e à educação, além de críticas políticas e falas desesperançosas:

Na verdade, não tem solução. É como eu já disse e vou dizer muitas vezes, eu tinha muita esperança de um dia a gente dizer assim: “Acabou tudo”, com a força do tempo e o poder de Deus. (Moradora do bairro Barrocas, 52 anos, doméstica – Entrevista realizada em 18/08/2024, grifei).

Gerar oportunidades de trabalho e lazer, porque tem muita criança que passa o dia na rua [...] de bobeira. E muitas das vezes, um adolescente precisando das coisas e solto nas ruas, não tem renda, é “de menor”, não pode trabalhar, então, falta oportunidade pra essa classe aí. (Morador do bairro Barrocas, 32 anos, encanador – Entrevista realizada em 18/08/2024, grifei).

Eu digo que em tudo, a base é a educação. Educação da polícia, educação básica, educação da comunidade.
(Moradora do bairro Barrocas, 25 anos, professora – Entrevista com uma realizada em 17/08/2024, grifei).

Para além da escuta dos moradores comuns, a temática também foi trabalhada na perspectiva dos equipamentos das redes de assistência social, saúde e educação do Município, bem como de eventuais associações de moradores, sobretudo porque a presença de facções criminosas em bairros periféricos pode condicionar o funcionamento dessas instituições e restringir o acesso da população vulnerável a serviços essenciais.

A esse respeito, a pessoa que falou em nome da Escola Municipal Prof.^a Celina Guimarães Viana explicou que quando assumiu a gestão, a escola não tinha credibilidade no bairro. Isso foi percebido na medida em que os pais preferiam matricular suas crianças em instituições mais distantes, tornando necessário, nos anos seguintes, reaproximar e fortalecer os vínculos entre escola e comunidade.

Nesse processo, ela teve que lidar diretamente com alunos faccionados, matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA), que funcionava pela noite, os quais levavam drogas para a sala de aula no ensejo de comercializar e andavam armados como forma de autoproteção. Inevitavelmente, a escola se tornava um alvo:

Aconteceu alguns tiroteios sim, na porta da escola à noite, e era pra atingir alguns dos nossos alunos. Infelizmente, do portão pra fora eles eram envolvidos com facção. [...] E alguns não voltavam mais pra escola, porque [...] aquele local, seus inimigos já sabiam que eles estavam e podiam voltar para ceifar sua vida, né.
(Representante da E. M. Prof.^a. Celina G. Viana – Resposta enviada via *Whatsapp*, em 04/09/2024).

Em outro momento, a representante relembrou o assassinato de um ex-aluno que foi executado dentro da escola, durante as eleições de 2014¹:

Tivemos o episódio de um ex-aluno da escola que estava na fila de votação, em um dia de eleição, que mataram ele dentro da escola. Ele já não era mais aluno, mas houve essa violência, né, essa morte dentro da escola.
(Representante da E. M. Prof.^a. Celina G. Viana – Resposta enviada via *Whatsapp* em 04/09/2024).

Diante dessa realidade, a profissional conta que foi necessário abordar alguns alunos faccionados, dialogando e fechando acessos por onde circulavam, mas sem tratá-los com

¹ Para além da família da vítima, o evento foi traumático para toda a comunidade e remete justamente à época de transição das gangues para as facções. Após a remoção do corpo do local, a votação foi retomada. A notícia pode ser consultada em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/eleicoes/2014/noticia/2014/10/tinha-inimigos-diz-pai-de-eleitor-morto-tiros-dentro-de-escola-no-rn.html>. Nos anos seguintes, os pais desse jovem perderam mais dois filhos por morte violenta, em momentos distintos.

discriminação. Apesar dos esforços, infelizmente muitos deles se evadiram. Por outro lado, o número de matrículas de crianças e adolescentes nos turnos matutino e vespertino aumentou, embora a realidade do bairro permanecesse a mesma:

A escola conseguiu resgatar sua credibilidade, mas era sempre uma preocupação daquelas famílias sim, principalmente quando tinha tiroteio no bairro, né. Alguns me ligavam: “Professora, está tendo tiroteio, não deixe os meninos saírem”.

(Representante da E. M. Prof.^a Celina G. Viana – Resposta enviada via Whatsapp em 04/09/2024, grifei).

Como forma de enfrentamento, a gestão apostou no desenvolvimento de projetos que viabilizassem a permanência dos jovens dentro da escola em período integral, como no caso do Mais Educação, que era um programa nacional e tinha a coparticipação da prefeitura, e de competições artísticas e desportivas internas. Todavia, pelas suas falas, é possível observar que até mesmo os profissionais mais dispostos podem se sentir despreparados ou incapazes de lidar com determinadas situações:

A primeira vez que eu abordei um aluno do EJA, [...] eu sabia que ele estava armado [...] e disse que ali dentro ele não poderia ficar armado. Ele olhou pra mim e disse: “Professora, eu tenho inimigos, daquele portão pra frente eu preciso andar armado”. E aí, naquele momento, eu compreendi o medo dele [...] e usei a proposta de ele entregar [...] a pistola ao porteiro, que na hora da saída a gente devolveria [...]. E eu não sei se foi uma boa, porque ele me entregou essa pistola e eu nunca tinha pego uma arma na minha vida. E eu não sei se eu tremia, se eu devolvia, mas eu guardei. [...] No momento que eu peguei naquela arma, eu pensei: “Meu Deus, não sei se fiz a coisa certa”.

(Representante da E. M. Prof.^a Celina G. Viana – Resposta enviada via Whatsapp em 04/09/2024, grifos meus).

Importa frisar que, apesar das várias tentativas, a atual gestão da escola Celina Guimarães não retornou os contatos, mas as falas desta representante já revelam que muitas dinâmicas sociais são moldadas por fragilidades comunitárias sobrepostas. No curso da pesquisa, ficou claro que uma das maiores fragilidades do bairro Barrocas é a falta de articulação entre os equipamentos das redes de apoio comunitário.

A exemplo disso, o representante da UBS Dr. Ildone Cavalcante de Freitas explicou que sente falta de um trabalho de campo mais efetivo por parte da assistente social dessa unidade, que não consegue chegar nas famílias mais vulneráveis. De igual modo, os eventos promovidos no âmbito da UBS não têm eficácia, porque muitas vezes a população nem toma conhecimento:

Assistente social é pra você andar, visitar as famílias e saber das dificuldades pra você orientar. [...] Às vezes, tem uma palestra lá dentro (da UBS), eu acho errado, tem que ir ali pro conselho, pra uma praça, pra todo mundo ir, porque faz ali aquela palestra e tem três pessoas, três comunitários, o resto é funcionário, não é pra ser assim.

(Representante da UBS Ildone Cavalcante – Entrevista realizada em 02/09/2024).

Interessante pontuar que o papel da assistente social e da própria UBS também foram mencionadas pela representante do Conselho Comunitário Barrocas II, cuja entrevista será melhor pontuada a posteriori:

Falta uma educação voltada pra eles (faccionados), uma educação que possa corresponder. Assistentes sociais, que possam conversar com eles. O próprio posto de saúde podia fazer esse trabalho, porque requer delas também esse trabalho, assistente social, psicólogo.

(Representante do Conselho Comunitário Barrocas II – Entrevista realizada em 04/09/2024).

Ademais, muitos profissionais lotados na unidade das Barrocas chegaram no início da gestão do atual prefeito, Allyson Bezerra, em 2021. Essa rotatividade de servidores acompanha os mandatos dos gestores do Município, motivo pelo qual não foi possível entrevistar um membro que trabalhasse nessa UBS há mais tempo, apesar dos contatos.

Não obstante, a experiência desse entrevistado tem grande relevância porque ele realizou pessoalmente, junto à comunidade católica do bairro, um trabalho de campo com membros de facção e suas famílias, na tentativa de, através do diálogo, estabelecer uma relação de paz no setor e esclarecer que eles, enquanto população, também tinham a liberdade de acesso aos serviços da UBS:

Quando eu fui nomeado pra vir aqui pra essa UBS, o prefeito disse que eu ficasse à vontade, e como eu sou da igreja, [...] passei um mês observando tudo como era aqui, o procedimento. [...] A Paróquia São José tem 12 (doze) comunidades e eu participo de todas, [...] e eu tenho acesso aberto com esse pessoal. Quando eles estão em dificuldade, quando a família precisa de alguma coisa [...], se eles estão presos, aí a família tava passando necessidade, eles ligavam pra mim e a gente corria atrás. Aí [...] eu comecei a bater nas portas dos que residem dos Paredões ao Santo Antônio e falei: “Pessoal, os profissionais daqui vêm cuidar da família de vocês, [...] não vai faltar nada” (na UBS). Eu andei nessas áreas “tudinha” aqui falando com esse pessoal que é envolvido com facção, de casa em casa, mapeei tudo. [...] Mesmo afastado, [...] falei até pros médicos [...]: “Podem ficar tranquilos que eu tô sempre falando com eles [...], que essa rua, Marechal Deodoro, [...] dá acesso a todo canto. Se passar alguém de uma outra região, pode acontecer, mas é muito difícil, eles me garantem”. [...] Aí eu digo: “Valorize o bairro, dê confiança, você tem que dar confiança, tem que valorizar onde você mora”.

(Representante da UBS Ildone Cavalcante – Entrevista realizada em 02/09/2024, grifei).

A forma como os representantes da UBS das Barrocas e da escola Celina Guimarães lidaram, em suas passagens, com a interferência das facções no cotidiano dessas instituições, descontinuando a segregação dos faccionados e de suas famílias, demonstra possibilidades reais de superação dos ciclos de violência que assolam o bairro. Significa dizer, pois, que a criação,

a restauração e o fortalecimento de vínculos comunitários representam uma via eficaz de resgate social, de combate e prevenção à criminalidade.

Traçando um comparativo, essa abordagem foi muito menos identificada nas falas do ex-policial militar. Seu discurso enfatizou a guerra às drogas e a separação entre o delinquente e as ditas pessoas de bem como agressores e vítimas, deixando a desejar um senso de coletividade. Por outro lado, observou-se que aquela desconfiança da população também é reproduzida dentro das próprias instituições:

O que facilitou foi a droga, né? E hoje em dia, a polícia prende, a justiça solta. Essas audiências de custódia que “tá tendo aí”, você é preso agora com “uma ruma” de droga, tem a audiência de custódia, com dois ou três dias soltam você na rua. Então eles se vêm no direito de fazer, é a questão da impunidade. (Morador do bairro Barrocas e ex-policial militar – Entrevista realizada em 28/08/2024).

Em todo caso, o produto deste trabalho, apesar de não contemplar uma parcela tão significativa de moradores, já sinaliza o poder transformador de uma comunidade consciente dos problemas que a cercam. Quando os moradores se articulam em iniciativas de participação coletiva, tornam-se agentes capazes de alterar gradativamente a realidade dos fatos, exercitando sua cidadania e construindo uma dinâmica de confiança mútua dentro dos limites políticos, estruturais e socioeconômicos de cada bairro.

Na experiência do bairro Barrocas, esse tipo de organização social foi vislumbrado na figura de dois conselhos comunitários, o Barrocas I, localizado na rua Marechal Deodoro, e o Barrocas II, situado na rua Tibério Bulamarque. Apesar de se constituírem por duas associações independentes entre si, a população sempre os compara, haja vista que, embora remetam ao mesmo bairro, possuem atuações completamente contrastantes. A inatividade e o desvio de função do Conselho Comunitário Barrocas I, que está sem representante há anos e cujo prédio só serve a festas privadas, foi o tópico mais criticado:

Antigamente tinha muito curso, minha mãe fez muito curso lá, mas hoje é um espaço abandonado, realmente só funciona pra festa. O “representante” tem a chave do conselho, aí chega um amigo dele e diz assim: “Ei, me dê aí a chave pra eu fazer a festa do meu filho, ou o meu aniversário, ou uma feijoada, e ele empresta e pronto, é pra isso que tá servindo”. (Moradora do bairro Barrocas, 25 anos, professora – Entrevista realizada em 17/08/2024, grifei).

O custeio das despesas de aluguel, energia elétrica e serviço de água são informações desconhecidas pela população. Em conversa informal com moradores que residem no seu entorno, foi dito que nos anos 2000 havia eleições diretas para representante e vice, mas que após o falecimento de um líder comunitário muito conhecido no setor e diante da interferência

de alguns vereadores tentando se autopromover, o Conselho Comunitário Barrocas I foi se distanciando de seu objetivo e, hoje, é considerada uma associação “morta”.

Por outro lado, embora se localize a menos de 1 km (um quilômetro) de distância, o conselho comunitário Barrocas II é bastante ativo, com foco na execução de projetos que visam a geração de renda. Em conversa com a representante deste conselho, consignou-se:

Hoje nós temos projetos que geram renda para mulheres do bairro, o projeto “Mãos de Fadas”, onde elas botam seus produtos de artesanato, já de cursos feitos dentro do conselho, [...] vendem comidas típicas. Temos também o projeto “Mãos Amigas”, onde é sorteado todos os meses uma feira de 700 reais, elas colaboram com uma taxa de 10 reais. A gente tem também um convênio com o laboratório que dá direito de todo mês sortear um exame para aquelas pessoas que participam, que colaboram com o conselho. Temos também a “Pecinha do lar”, que todo mês elas recebem uma pecinha do lar em contrapartida pela colaboração que elas dão pra gente. [...] Nós já demos muitos cursos aqui, tem muita gente que ganha dinheiro graças ao trabalho que a gente fez no conselho comunitário. [...] As despesas do conselho são pagas com as colaborações que a gente tem, os “carnêzinhos” de cada um. (Representante do Conselho Comunitário Barrocas II – Entrevista realizada em 04/09/2024, grifei).

A entrevistada demonstrou solidariedade com a situação do Conselho Comunitário Barrocas I e explicou que desempenhar esse papel de líder comunitário, uma função totalmente voluntária, é muito desgastante, com dificuldades que vão desde ser subestimado por aqueles que não acreditam na força das associações de moradores até conseguir quórum para reuniões.

Em outro momento, a representante exclamou: “Tá vendo aqui, o que é a força da comunidade?”, enquanto apresentava documentos de um abaixo-assinado levado até a Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte (CAERN), que resultou na conquista de uma obra de saneamento básico em um trecho da rua Wenceslau Braz, na qual residem vários colaboradores do Conselho Comunitário Barrocas II.

Além dessa obra, os moradores associados a este conselho já conseguiram mobilizar o serviço de saneamento básico de algumas outras ruas do bairro, a abertura de um o posto policial (que foi fechado após atos de vandalismo oriundos de outro bairro), a construção quadra de esportes da escola Celina Guimarães, além de servir de espaço para suas aulas presenciais quando a instituição estava em reforma, entre outros feitos.

Contudo, dentre as capacitações e projetos fomentados no âmbito deste conselho, a criminalidade urbana e a temática das facções criminosas em si ainda não foi pauta específica, haja vista que o seu corpo de colaboradores é composto principalmente por mulheres, cerca de 80 (oitenta) donas de casa, cujas necessidades apontam muito mais para a questão financeira.

Ainda assim, o histórico de atuação dessa associação sinaliza o potencial de uma comunidade organizada em prol da qualidade de vida de seus membros.

Nesse ínterim, diante dos aspectos levantados com a pesquisa de campo, o que se percebe, no bairro Barrocas, não é a ausência de pilares de engajamento capazes de desenvolver soluções coletivas para problemas locais, crucialmente no tocante à atuação das facções criminosas, mas de uma articulação direcionada entre a iniciativa comunitária e as instituições, haja vista que seus esforços estão mais concentrados em demandas imediatas de nichos específicos.

A esse respeito, o trabalho mais empírico dos profissionais da assistência social que passam pela UBS junto às famílias afetadas, de forma independente e em parceria com os eventuais projetos desenvolvidos no âmbito do CRAS, assim como a revitalização do Conselho Comunitário Barrocas I e a inserção da temática das facções criminosas na pauta do Conselho Comunitário Barrocas II, são alguns dos caminhos possíveis para estimular o engajamento da população, num trabalho de prevenção à criminalidade e de descontinuidade dos estigmas da violência.

Ademais, verificou-se que os moradores se acostumaram a dividir a história recente do bairro entre antes e depois daquela ruptura interna referida no segundo capítulo, caracterizada pelos conflitos entre PCC e SDC. Não obstante, apontando períodos de maior ou menor expressão dos índices de violência, os participantes demonstraram um sentimento comum de que o bairro Barrocas já viveu o seu pior momento, sinalizando, atualmente, uma fase de maior tranquilidade em comparação à década passada.

Infelizmente, porém, isso não se deve a políticas públicas de enfrentamento à criminalidade ou a iniciativas comunitárias, mas ao assassinato, à prisão e à fuga de muitos membros de facção que residiam no bairro. Em todo caso, essa dinâmica social respondeu na adaptação dos hábitos das famílias ali residentes, revelando, ainda hoje, algumas fragilidades sobrepostas, como a dificuldade de se trabalhar a relação escola-comunidade, por exemplo.

Registra-se, ainda, que foi constatado um caráter mais evasivo nas respostas enviadas pelo formulário *online*, em comparação às falas conseguidas com as entrevistas pessoais, provavelmente porque os participantes tiveram receio de serem associados a qualquer informação ligada às facções criminosas, apesar de constar, na página inicial, que seus nomes ficariam em sigilo e que os dados de identificação serviriam apenas à organização interna.

Além disso, 6 (seis) moradores se recusaram a participar da pesquisa por considerarem desnecessário, seja porque o bairro está mais tranquilo, seja porque, do seu ponto de vista, não há nada que a população possa fazer, além de recorrer à fé. Outras 5 (cinco) pessoas, havendo

1 (uma) delas mudado de cidade há poucos meses, se dispuseram a conversar sobre o tema informalmente, mas não autorizaram o registro ou o uso de suas falas.

Por fim, salienta-se que incluir a perspectiva da equipe do CRAS Barrocas, com o detalhamento dos projetos e ações desempenhas no bairro, teria sido crucial para qualificar o trabalho. Contudo, diante da ausência de resposta do equipamento às nossas comunicações, infelizmente não houve tempo hábil para tal.

CONCLUSÃO

Como se pode observar, os estudos sobre o crime organizado no Brasil apresentam diferentes referências quanto à sua origem, com alusões ao cangaço e à exploração dos jogos de azar, por exemplo, a depender do pesquisador. Apesar disso, é consenso que o seu produto mais recente está representado na figura das facções criminosas, uma das faces mais brutais da criminalidade urbana.

A partir do surgimento do Comando Vermelho (CV), no Rio de Janeiro, e do Primeiro Comando da Capital (PCC), em São Paulo, ambas facções de grande projeção e que rapidamente expandiram sua influência para os demais estados brasileiros, observa-se que outros coletivos foram se estruturando e adquirindo características próprias de cada região, como a Família do Norte (FDN), no Amazonas, e o Sindicato do Crime do RN (SDC), no Rio Grande do Norte.

Principalmente associada ao tráfico ilícito de entorpecentes e atividades conexas, como a disputa territorial e o extermínio de integrantes de grupos rivais, a ostensividade das facções criminosas é hoje um dos grandes problemas sociais verificados no Brasil. Em regiões periféricas, onde a comunidade sente maior distanciamento em relação ao Estado, a interferência da sua atuação na vida do morador comum é ainda mais perceptível.

À luz dos objetivos norteadores da pesquisa, conclui-se que a presença desses coletivos em localidades vulneráveis resulta no aumento da violência e na estigmatização do território, dificultando o seu desenvolvimento econômico e prejudicando a identidade comunitária, além de enfraquecer, aos olhos da população, instituições como a polícia militar e o Poder Judiciário.

Adentrando na experiência do bairro Barrocas, na cidade de Mossoró/RN, as informações levantadas com a pesquisa de campo nos permitem apontar que o caráter periférico do bairro, o perfil de baixa renda das famílias e a alta disponibilidade de adolescentes ociosos figuram entre os principais fatores que viabilizaram a entrada e a permanência das facções criminosas no setor.

Como consequência, fazendo um resgate dos acontecimentos dos últimos 15 (quinze) anos, denota-se que a movimentação das facções no referido bairro trouxe problemas que só são passíveis de serem trabalhados a médio e longo prazo, a exemplo da sensação constante de temor pela vida de pessoas próximas, das limitações de acesso a determinados locais e do estigma que o nome do bairro carrega perante serviços externos, sobretudo.

Quanto às eventuais estratégias que os moradores do bairro Barrocas adotam para lidar com esses problemas, observou-se que, na verdade, não se trata de adotar estratégias, mas de

adaptar seus hábitos a uma realidade já imposta, por exemplo, evitando transitar em determinados horários ou locais e limitando o convívio de seus filhos com outras crianças e adolescentes na rua.

Não menos importante, concluiu-se, mediante falas críticas e desesperançosas, que os participantes não confiam ou não se sentem protegidos pela polícia militar, além de desconhecerem qualquer projeto ou política pública de prevenção e enfrentamento à criminalidade urbana em aplicação no bairro.

Ademais, a iniciativa deste trabalho foi pioneira em referenciar as angústias individuais e coletivas dos moradores alcançados no tocante à criminalidade, além de fomentar, pela interação direta entre academia e comunidade, a reflexão sobre suas potencialidades, lembrando-os de que são sujeitos ativos na construção e na narrativa da sua própria história.

A esse respeito, acreditamos que a pesquisa foi exitosa e que os resultados levantados se sobrepõem às limitações encontradas, como a recusa de alguns participantes e a inércia do CRAS. Isso porque as entrevistas concedidas renderam muitas elocuções sensíveis, inclusive com algumas pessoas agradecendo pelo espaço de fala e explicando que se sentiam silenciadas, invisíveis ou inúteis no tocante à denúncia e à resolução dos problemas da sua própria comunidade.

Nesse sentido, considera-se que o propósito de devolver o protagonismo da história do bairro para os moradores e dissociá-lo da má reputação contraída com o domínio das facções, idealizado desde o projeto desta pesquisa, foi parcialmente atingido, uma vez que possui eficácia restrita aos efeitos que uma pesquisa acadêmica consegue produzir.

Vale dizer, ainda, que a pesquisa contempla apenas uma pequena parte das ramificações possíveis ao tema e abre margens para se pensar na elaboração de trabalhos análogos, a exemplo do debate dos danos emocionais e traumas psicológicos resultantes de episódios de violência, ou dos casos locais de justicamento decorrentes da descrença da população nas instituições e Poderes do Estado, entre outros.

Por fim, reitera-se que o caminho a ser percorrido pelos moradores do bairro Barrocas no combate à expansividade das facções criminosas ainda é longo e demanda maior articulação entre as instituições, os equipamentos sociais e os núcleos de resistência e representação comunitária, mas o potencial de transformação e consciência existe em cada uma das pessoas que se dispuseram a pelo menos dialogar sobre esse desafio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTO, Francisco. As facções criminosas odeiam os pobres, mas sobrevivem da pobreza. **SAIBA MAIS** agência de reportagem. 2023. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2023/03/as-faccoes-criminosas-odeiam-os-pobres-mas-sobrevivem-da-pobreza/>. Acesso em: 06 maio 2024.
- BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica ao direito penal**: introdução à sociologia do direito penal. 6. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011.
- BEATO, C.; ZILL, L. F. A Estruturação de Atividades Criminosas: um estudo de caso. 2012. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 27. Disponível: <https://acesse.dev/TIPBU>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- BRASIL. **Lei n. 13.568/2017**. Confere o título de Capital do Semiárido à cidade de Mossoró, no Estado do Rio Grande do Norte. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13568.htm. Acesso em: 04 ago. 2024.
- BRASIL. **Sistema Penitenciário Federal**. Secretaria Nacional de Políticas Penais. Gov.br. Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/assuntos/SPF>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- CASCUDO, L. C. **Notas e Documentos para a História de Mossoró**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2010. Edição especial para o Acervo Virtual Oswaldo Lamartine de Faria. Disponível em: <https://colecaomossoroense.org.br/site/wpcontent/uploads/2018/07/Notas-e-Documentos-Para-aHist%C3%B3ria-de-Mossor%C3%B3.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2024.
- CHAGAS, José Maria das. **Bairro Barrocas – Mossoró-RN**. 2010. Disponível em: <https://jotamaria-areaurbana.blogspot.com/2010/02/bairro-barrocas-mossoro-rn.html>. Acesso em: 05 ago. 2024.
- DOMINGUES, C. R. **A liberdade de ir e vir de moradores de vilas populares no contexto da territorialização das facções criminais**: o caso da Grande Cruzeiro, em Porto Alegre. 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/236440>. Acesso: 26 jul. 2024.
- FINCATO, Denise Pires; GILLET, Sérgio Augusto da Costa. **A pesquisa jurídica sem mistérios**: Do projeto de pesquisa à banca. 3. ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14979/2/A_Pesquisa_Juridica_sem_Misterios_Do_Projeto_de_Pesquisa_a_Banca.pdf. Acesso em: 17 jul. 2024.
- FRAMENTO, Rodrigo. **Degradação da Paz no Norte do Brasil**: o conflito entre Primeiro Comando da Capital (PCC) e Família do Norte (FDN). 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13828/1/RSF01032019.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- FREITAS, N. A. de; MENDES DE SOUSA, C. **Corpo e juventude**: o bairro tamarindo em Sobral/CE e o território da violência. *Revista Homem, Espaço E Tempo*, 13(2). 2020. Disponível em: <https://rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/350>. Acesso: 10 jun. 2024.

JOSÉ, Maria Jamile. **A infiltração policial como meio de investigação de prova nos delitos relacionados à criminalidade organizada**. São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2137/tde-01122010-144008/publico/Infiltracao_policial_Maria_Jamile_Jose.pdf. Acesso em: 11 maio 2024.

PANORAMA de Mossoró. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/mossoro/panorama>. Acesso em: 02 ago. 2024.

LEITÃO, Ana Lourdes Maia; CASTRO, Maria Marinalva Ferreira de; AZEVEDO, Nicole Lemos. **O poder das facções criminosas nos bairros: uma nova realidade social**. In: Anais do Universo Ateneu. Fortaleza/CE. UNIATENEU, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/x-universo-ateneu-285336/591381-o-poder-das-faccoes-criminosas-nos-bairros--uma-nova-realidade-social/>. Acesso em: 26 jul. 2024.

LIMA, Renato Brasileiro de. **Legislação criminal especial comentada**. 4. ed. Salvador: JusPODIVM, 2016. Disponível em: <https://deusgarcia.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/05/legislac3a7c3a3o-criminal-comentada-renato-brasileiro-de-lima-2016.pdf>. Acesso: 26 jul. 2024.

LUZ, J. W. P.; CORDÃO, R. P. Análise da evolução das facções e de sua constituição em organizações criminosas. **Revista Jus Navigandi**. Teresina, ano 27, n. 6845, 29 mar. 2022. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/96766>. Acesso: 09 jun. 2024.

MACHADO, Leandro. “Facções nunca dormem”: a guerra silenciosa por trás de ataques no Rio Grande do Norte. **BBC News Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn4rjillyjvo>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MACHADO, Leandro. As 3 facções e ciclo de vinganças por trás de “epidemia de homicídios” em cidade no Nordeste. **BBC News Brasil - UOL Notícias**, 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/07/29/as-3-faccoes-e-ciclo-de-vingancas-por-tras-de-epidemia-de-homicidios-em-cidade-no-nordeste.htm>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MAZDA, Aura. Beira-Mar é transferido para a penitenciária no Rio Grande do Norte. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/beira-mar-transferido-para-penitenciaria-no-rio-grande-do-norte-21396812>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MELO, J., & PAIVA, L. F. S. Violências em territórios faccionados do Nordeste do Brasil: notas sobre as situações do Rio Grande do Norte e do Ceará. **Revista USP**, 47-62. 2021. Disponível: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.i129p47-62>. Acesso: 09 jun. 2024.

MELO, Valdir. **Crime organizado: Uma concepção introdutória**. Texto para Discussão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília, 2021. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5716/1/td_2121.pdf. Acesso em: 25 maio 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/300166/mod_resource/content/1/MC2019%20Minayo%20Pesquisa%20Social%20.pdf. Acesso em: 18 maio 2024.

MISSE, Michel. Crime comum e crime organizado no Rio de Janeiro: diferenças e afinidades. **Revista de Sociologia e Política**. v.19, p.13 – 25, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/78Yc5DQfpnMV8QGhjTCnkcM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2024.

MONTEIRO NETO, J. A.; GALVÃO, A. R. S. Projeto Avaliando a influência das ações de grupos criminosos na limitação do acesso à Internet na Comunidade do Edson Queiroz, Fortaleza, Brasil. 2022. **Latin American and Caribbean Internet Addresses Registry – LACNIC**. Disponível em: https://descargas.lacnic.net/lideres/2022/lacnic-lideres_joaoaraujomonteironeto.pdf. Acesso em: 14 maio 2024.

MOSSORÓ. História. Portal da Prefeitura municipal de Mossoró, 2024. Disponível em: <https://prefeiturademossoro.com.br/pagina/historia>. Acesso em: 02 ago. 2024.

OLIVEIRA, Paulo César de. **O crime organizado no Brasil**. Monografia (Graduação em Direito). Faculdade de Educação e Ciências Humanas da Anicuns – Goiás, Anicuns, 2005. Disponível em: <https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/60/crime%20organizado%20no%20brasil.pdf>. Acesso em: 20 jun 2024.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Expansão urbana de Mossoró** (período de 1980 a 2004): geografia dinâmica e reestruturação do território. Dissertação de mestrado. Natal, RN: EDUFRRN Editora da UFRN, 2005. f. 292. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/18882/1/AristotelinaPBR.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

SILVA, Débora Cândida Fonsêca. **O blog O Câmera e o bairro Barrocas**: uma análise do sensacionalismo no município de Mossoró-RN. 2015. 56 f. Monografia – Curso de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró/RN.

SOUZA, F. F. **História de Mossoró**. Coleção Mossoroense, 2010. Edição especial para o Acervo Virtual Oswaldo Lamartine de Faria. Disponível em: <https://colecaomossoroense.org.br/site/wp-content/uploads/2018/07/HISTORIA-DE-MOSSORO.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2024.

“TINHA inimigos”, diz pai de eleitor morto a tiros dentro de escola no RN. G1 2014. Disponível: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/eleicoes/2014/noticia/2014/10/tinha-inimigos-diz-pai-de-eleitor-morto-tiros-dentro-de-escola-no-rn.html>. Acesso em: 15 set. 2024.

VELLOSO, Renato Ribeiro. **O crime organizado**. Repositório Científico do Instituto Politécnico do Porto, 2007. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/2246>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **Em busca das penas perdidas**: a perda da legitimidade do sistema penal. 6. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2021.

APÊNDICES

**APÊNDICE 1 – VISÃO FRONTAL DO CRAS - AVENIDA ALBERTO MARANHÃO/
BAIRRO BARROCAS**



APÊNDICE 2 – VISÃO FRONTAL DA UBS DR. ILDONE CAVALCANTE DE FREITAS, RUA MARECHAL DEODORO.



APÊNDICE 3 – FOTOS DA ESTRUTURA FÍSICA DA E. M. PROF.^a CELINA GUIMARÃES VIANA, RUA TIBÉRIO BULAMARQUE.



APÊNDICE 4 – VISÃO FRONTAL DOS PRÉDIOS SEDE DOS CONSELHOS COMUNITÁRIOS BARROCAS I (RUA MARECHAL DEODORO) E BARROCAS II (TIBÉRIO BULAMARQUE).



APÊNDICE 5 – FOTOS DA PRAÇA DA BARRAGEM - RUA MARECHAL DEODORO/BAIRRO BARROCAS - AS LATERAIS DA PRAÇA DÃO ACESSO DIRETO AO RIO MOSSORÓ.



APÊNDICE 6 – ROTEIRO DO FORMULÁRIO APLICADO ONLINE.

PERGUNTAS UTILIZADAS NO FORMULÁRIO ONLINE

Parte 1: Identificação

1. Nome;
2. E-mail;
3. Idade;
4. Gênero;
5. Escolaridade;
6. Profissão atual;
7. Há quanto tempo você mora neste bairro?

Parte 2: Percepção da Atividade de Facções

8. Você percebe a presença de facções no bairro Barrocas?
9. Se sim, você sabe informar quais são as facções que atuam neste bairro?
10. Você lembra em que momento (quantos anos atrás, período aproximado) as facções se estabeleceram nas Barrocas?
11. Na sua opinião, quais foram os fatores que permitiram a entrada e a permanência das facções neste bairro?
12. Antes da chegada das facções no bairro Barrocas, qual era o cenário? O bairro era mais tranquilo? Menos “marcado” (conhecido negativamente)? (estimulá-los a falar sobre as antigas gangues, caso lembrem)
13. A atuação das facções neste bairro interfere na sua vida pessoal (mudança de hábitos)? De que maneira? (rotina de trabalho, horários, lugares frequentados, presença da polícia, preocupação com os filhos em determinados locais, preocupação com a probabilidade de os filhos homens adolescentes serem persuadidos pelas facções etc.)
14. Você já se sentiu inseguro/ameaçado pelas facções de alguma forma? Se sim, poderia contar como foi a situação?
15. Você conhece alguém que faz parte de alguma facção? Algum familiar?
16. Você já perdeu alguém para o crime? Se não, conhece algum morador deste bairro que já perdeu alguém? Poderia contar como foi a situação?
17. Você já foi “convidado(a)” a fazer parte de alguma facção?

Parte 3: Percepções sobre as Relações Intercomunitárias e com as Instituições

18. Na sua opinião, quais são os principais problemas observados neste bairro que têm alguma relação com a atuação das facções?
19. Quais são as estratégias que você adota individualmente, junto à família e junto à comunidade para lidar com essa realidade?
20. Como você descreve a atuação da polícia neste setor?
21. Você já denunciou alguma atividade dessas facções? Se sim, como foi a resposta das autoridades?
22. Além das patrulhas da polícia, você conhece alguma política pública, equipamento social ou projeto comunitário que desenvolva algum trabalho de enfrentamento à atuação das facções neste bairro?
23. O que você acha que poderia ser feito para melhorar a segurança e reduzir a influência das facções no bairro? (por parte das autoridades ou da comunidade)
24. Gostaria de acrescentar alguma informação?

Agradecimento: Obrigada pelo seu tempo e pelas suas respostas. Sua participação é muito valiosa para esta pesquisa. O trabalho final ficará disponível para a comunidade em outubro deste ano.

APÊNDICE 7 – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS VOLTADAS AOS MORADORES

PERGUNTAS UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS PRESENCIAIS

Parte 1: Identificação

- 8. Nome;
- 9. E-mail;
- 10. Idade;
- 11. Gênero;
- 12. Escolaridade;
- 13. Profissão atual;
- 14. Há quanto tempo você mora neste bairro?

Parte 2: Percepção da Atividade de Facções

- 18. Você percebe a presença de facções no bairro Barrocas?
- 19. Se sim, você sabe informar quais são as facções que atuam neste bairro?
- 20. Você lembra em que momento (quantos anos atrás, período aproximado) as facções se estabeleceram nas Barrocas?
- 21. Na sua opinião, quais foram os fatores que permitiram a entrada e a permanência das facções neste bairro?
- 22. Antes da chegada das facções no bairro Barrocas, qual era o cenário? O bairro era mais tranquilo? Menos “marcado” (conhecido negativamente)? (estimulá-los a falar sobre as antigas gangues, caso lembrem)
- 23. A atuação das facções neste bairro interfere na sua vida pessoal (mudança de hábitos)? De que maneira? (rotina de trabalho, horários, lugares frequentados, presença da polícia, preocupação com os filhos em determinados locais, preocupação com a probabilidade de os filhos homens adolescentes serem persuadidos pelas facções etc.)
- 24. Você já se sentiu inseguro/ameaçado pelas facções de alguma forma? Se sim, poderia contar como foi a situação?
- 25. Você conhece alguém que faz parte de alguma facção? Algum familiar?
- 26. Você já perdeu alguém para o crime? Se não, conhece algum morador deste bairro que já perdeu alguém? Poderia contar como foi a situação?
- 27. Você já foi “convidado(a)” a fazer parte de alguma facção?

Parte 3: Percepções sobre as Relações Intercomunitárias e com as Instituições

- 24. Na sua opinião, quais são os principais problemas observados neste bairro que têm alguma relação com a atuação das facções?
- 25. Quais são as estratégias que você adota individualmente, junto à família e junto à comunidade para lidar com essa realidade?
- 26. Como você descreve a atuação da polícia neste setor?
- 27. Você já denunciou alguma atividade dessas facções? Se sim, como foi a resposta das autoridades?
- 28. Além das patrulhas da polícia, você conhece alguma política pública, equipamento social ou projeto comunitário que desenvolva algum trabalho de enfrentamento à atuação das facções neste bairro?
- 29. O que você acha que poderia ser feito para melhorar a segurança e reduzir a influência das facções no bairro? (por parte das autoridades ou da comunidade)
- 25. Gostaria de acrescentar alguma informação?

APÊNDICE 8 – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O REPRESENTANTE DA UBS DO BAIRRO.

PERGUNTAS REALIZADAS AO REPRESENTANTE DA UBS
1. Nome, idade, gênero: 2. Cargo na UBS: 3. Há quanto tempo você trabalha nesta UBS? 4. Na sua perspectiva, a presença de facções criminosas no bairro Barrocas interfere no acesso da população aos serviços de saúde? 5. Já houve situações em que a violência urbana impediu ou dificultou o funcionamento normal da unidade? Por favor, explique como foi. (envolvendo as facções ou não) (assaltos, por exemplo) 6. Os profissionais de saúde já relataram alguma situação de insegurança durante o atendimento ou ao transitar pelo bairro? 7. Você conhece algum caso de moradores que tenham dificuldade em buscar atendimento na UBS devido alguma restrição imposta pelas facções? 8. A UBS participa de reuniões ou articulações com o Conselho Comunitário para discutir medidas que possam melhorar a segurança e o acesso aos serviços de saúde no bairro? 9. No seu ponto de vista, como a articulação entre a UBS, outras instituições locais (como escolas, CRAS, forças de segurança) e a comunidade pode ser fortalecida para enfrentar o problema das facções criminosas? Que tipo de apoio ou políticas públicas seriam necessárias para melhorar essa coordenação? 10. Gostaria de acrescentar alguma informação?

APÊNDICE 9 – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A REPRESENTANTE DA ESCOLA MUNICIPAL PROF.^a CELINA G. VIANA.

PERGUNTAS REALIZADAS À REPRESENTANTE DA E. M. PROF.^a CELINA G. VIANA

1. Nome, idade e gênero:
2. Há quanto tempo você exerce a função de diretora na E. M. Celina G. Viana?
3. Como você descreve a dinâmica das relações entre a comunidade e a escola?
4. Na sua percepção, a presença das facções criminosas no bairro Barrocas interfere na rotina escolar?
5. Os alunos já demonstraram medo ou apresentaram sinais de vulnerabilidade devido a esses grupos?
6. Os pais demonstram preocupação com a segurança dos filhos na ida e/ou na volta da escola, ou mesmo durante o período escolar?
7. Há relatos de que alunos (considerar os adolescentes) estejam sendo, ou já tenham sido, aliciados ou assediados por membros de facções?
8. Há relatos de professores e/ou demais funcionários que se sentem, ou já tenham se sentido, inseguros para trabalhar na escola devido à presença das facções no bairro?
9. A escola desenvolve algum trabalho de construção de uma cultura de paz e conscientização sobre a criminalidade urbana? Alguma atividade visando prevenir o envolvimento dos estudantes no “mundo do crime”?
10. Já houve algum episódio violento nas proximidades da escola que tenha tido relação com as facções criminosas? Se sim, como foi? E como a escola lidou com isso?
11. E dentro da escola, já ocorreu? Se sim, como foi? E como a escola lidou com isso?
12. Gostaria de acrescentar alguma informação?

APÊNDICE 10 – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A REPRESENTANTE DO CONSELHO COMUNITÁRIO BARROCAS II.**PERGUNTAS REALIZADAS À REPRESENTANTE DO CONSELHO COMUNITÁRIO**

1. Nome, idade e gênero:
2. Há quanto você exerce a função de representante do conselho? Como é o processo de escolha/eleição dos representantes?
3. O conselho está funcionando atualmente? Os moradores se reúnem com que frequência?
4. Enquanto representante do conselho, você pode comentar sobre a chegada das facções no bairro Barrocas? Como foi esse processo (fatores que permitiram)? Como era antes?
5. A presença de facções no bairro prejudica de alguma forma as atividades do conselho?
6. Quais são as principais preocupações levantadas pelos moradores nas reuniões do conselho em relação à segurança e à atuação das facções?
7. Existe alguma articulação entre o conselho comunitário e as demais instituições do bairro (como escolas, igrejas, ONGs, UBS, CRAS etc.) para tratar das demandas dos moradores (de segurança, de saúde etc.)?
8. O conselho já desenvolveu, ou desenvolve atualmente, alguma atividade que trate a questão da violência urbana e das facções criminosas com os moradores? (seja de prevenção ou de combate)
9. O conselho comunitário tem se articulado com as forças de segurança (polícia, guarda municipal) para lidar com os problemas relacionados à violência no bairro? (estratégias)
10. Atualmente, é desenvolvida alguma atividade educativa ou profissionalizante no prédio do conselho? (cursos, formações, palestras...) Qual o público-alvo? (crianças e adolescentes, mulheres, idosos, geral...)
11. Na sua perspectiva, qual é o papel do conselho comunitário para a população? Gostaria de acrescentar alguma informação?

APÊNDICE 11 – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM UM EX-POLICIAL MILITAR - MORADOR DO BAIRRO BARROCAS.

PERGUNTAS REALIZADAS A UM EX-POLICIAL MILITAR E MORADOR DO BAIRRO

1. Nome, idade e gênero:
2. Há quanto você mora no bairro Barrocas?
3. Você foi policial por quanto tempo? Em que anos?
4. Como você classifica o bairro Barrocas hoje, em termos de violência e segurança? (iniciar sondando, para ter uma noção geral)
5. Você pode explicar como foi a chegada das facções no bairro? (transição das gangues locais para as facções)
6. Na sua percepção, quais foram os fatores que viabilizaram a entrada e a permanência das facções nas Barrocas?
7. Você já realizou alguma abordagem ou já participou de alguma operação ou investigação ligada às facções presentes no bairro Barrocas? Poderia contar como foi? (não precisa expor o nome dos envolvidos)
8. Você já sofreu algum atentado pessoal, advindo das facções, por ser policial?
9. E hoje, que já não trabalha mais como policial, você se sente inseguro ou ameaçado de alguma forma pelas facções, residindo neste bairro?
10. Como você descreve a atuação da polícia neste setor? Quando você estava na ativa, era diferente? O que mudou?
11. Com base na sua experiência na polícia, quais são os principais desafios que os moradores deste bairro enfrentam devido à atuação das facções?
12. Na sua opinião, o que poderia ser feito para reduzir a influência das facções neste bairro? (pelos agentes de segurança e pela comunidade)
13. Gostaria de acrescentar alguma informação?

APÊNDICE 12 – OFÍCIO ENVIADO AO CRAS DO BAIRRO BARROCAS.**CÓPIA DO OFÍCIO ENVIADO AO CRAS DO BAIRRO BARROCAS**

À Diretoria do Centro de Referência de Assistência Social – CRAS do bairro Barrocas

Av. Alberto Maranhão, 6929, Barrocas, Mossoró/ RN, 59600-295

Assunto: Solicitação de informações para pesquisa acadêmica.

Senhor (a) Diretor (a),

1. Para fins de pesquisa acadêmica, visando a execução das etapas do projeto “A atuação das facções criminosas no bairro Barrocas, em Mossoró/RN: Uma análise da perspectiva dos moradores a partir das mudanças no seu modo de vida”, cadastrado no Sistema Acadêmico da UFERSA, como atividade de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da discente Renata Rayanne da Silva Santiago, da Graduação em Direito da UFERSA, solicitamos as informações abaixo, pertinentes ao trabalho que está sendo realizado:

- A presença das facções criminosas no bairro Barrocas afeta o acesso da população aos serviços oferecidos pelo CRAS? Se sim, de que forma?
- As famílias atendidas pelo CRAS já mencionaram ou demonstraram preocupação com a atuação de facções no bairro?
- De que forma a presença das facções neste bairro corrobora o perfil de vulnerabilidade social das famílias atendidas no CRAS?
- Este CRAS trabalha a questão da violência urbana com as famílias? Como? (se existe algum grupo ou projeto voltado à essa questão)
- Existe alguma forma de articulação entre o CRAS e as escolas do bairro para identificar crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade devido à presença das facções criminosas no setor?
- Existe alguma forma de articulação entre o CRAS e as forças de segurança, como a polícia e a guarda municipal, para proteger os assistidos que sofrem ameaças?
- O CRAS oferece suporte psicológico às famílias que sofrem com o impacto emocional da violência urbana?
- Como o CRAS avalia a articulação (se houver) com o Conselho Comunitário e outras instituições locais para discutir soluções e apoiar a comunidade no enfrentamento da violência?
- Na perspectiva do CRAS, os níveis de violência no bairro Barrocas, em decorrência da atividade das facções, variaram muito nos últimos 10 anos? Como? Hoje é mais tranquilo ou mais perigoso do que 10 anos atrás?
- Por favor, identificar o nome, o gênero, a idade, o cargo e o há quanto tempo o servidor que responder a essas questões trabalha no CRAS Barrocas.

2. Em respeito à ética da pesquisa universitária, discente e docente se comprometem a guardar os dados coletados com zelo e responsabilidade, veiculando apenas o essencial para o resultado acadêmico almejado.

ANEXOS

ANEXO I – TABELA DE COMPARAÇÃO ENTRE AS REGRAS DO PCC E OS MANDAMENTOS BÍBLICOS, EXTRAÍDO DE RODRIGO DE SOUZA FRAMMENTO (2018).

Mandamentos bíblicos	Regras PCC
Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas.	Lealdade, respeito, e solidariedade acima de tudo ao Partido.
Não adorar falsos ídolos	Um integrante não pode participar de outra facção. Não usar o nome do partido em vão também serve para evitar surgir “falsos profetas”, no caso pessoas que se dizem irmãos, mas que não foram batizadas.
Não usar o Nome de Deus em vão.	Jamais usar o Partido para resolver conflitos pessoais, contra pessoas de fora. Porque o ideal do Partido está acima de conflitos pessoais.
Não matar (nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo).	O partido não permite mortes, a não ser que terminantemente expresse pelas instâncias superiores.
Não cometer adultério	O irmão que mantém relações com a mulher de outro pode ser punido inclusive com a morte
Não furtar	O partido não permite furto contra membros do grupo nem contra moradores de regiões onde atua.
Não levantar falsos testemunhos	O partido não permite mentira, traição e calúnia.
Não cobiçar as coisas alheias.	O partido não permite inveja e a cobiça

ANEXO II – TABELA SIDRA (2010): POPULAÇÃO DO BAIRRO BARROCAS POR SEXO E COR/RAÇA.

14/08/2024, 15:59

Tabela 3175: População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade

Tabela 3175 - População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade								
Variável - População residente (Pessoas)								
Idade - Total								
Ano - 2010								
Situação do domicílio - Total								
Município e Bairro	Sexo	Cor ou raça						
		Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
Mossoró (RN)	Total	259.815	110.377	15.359	3.553	130.346	176	4
	Homens	125.747	52.147	8.159	1.464	63.892	83	2
	Mulheres	134.068	58.230	7.200	2.089	66.454	93	2
Barrocas - Mossoró (RN)	Total	20.372	7.706	1.801	276	10.570	19	-
	Homens	9.873	3.694	928	103	5.140	8	-
	Mulheres	10.499	4.012	873	173	5.430	11	-
Fonte: IBGE - Censo Demográfico								

Tabela 3175 - População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade								
Variável - População residente - percentual do total geral								
Idade - Total								
Ano - 2010								
Situação do domicílio - Total								
Município e Bairro	Sexo	Cor ou raça						
		Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
Fonte: IBGE - Censo Demográfico								

14/08/2024, 15:59

Tabela 3175: População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade

Mossoró (RN)	Total	100,00	42,48	5,91	1,37	50,17	0,07	0,00
	Homens	48,40	20,07	3,14	0,56	24,59	0,03	0,00
	Mulheres	51,60	22,41	2,77	0,80	25,58	0,04	0,00
Barrocas - Mossoró (RN)	Total	100,00	37,83	8,84	1,35	51,88	0,09	-
	Homens	48,46	18,13	4,56	0,51	25,23	0,04	-
	Mulheres	51,54	19,69	4,29	0,85	26,65	0,05	-
Fonte: IBGE - Censo Demográfico								
Notas								
1 - Dados do Universo.								

